

Raíssa Santos José

"Guia Afetivo da Casa da Ponte: Uma Jornada
Interativa pela Memória e Patrimônio"

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CORA CORALINA 2024

"Guia Afetivo da Casa da Ponte: Uma Jornada Interativa pela Memória e Patrimônio"

Raíssa Santos José





Ficha Técnica

Organização: Raíssa Santos José

Orientação: Yussef Daibert Salomão de Campos

Desenho da Capa: Karoline Dias Maciel

Desenho do Chico Papo: leonardo.IA

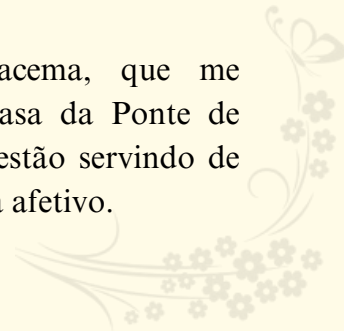
Designer e Edição: Renato William Neves

Ano da publicação: 2024





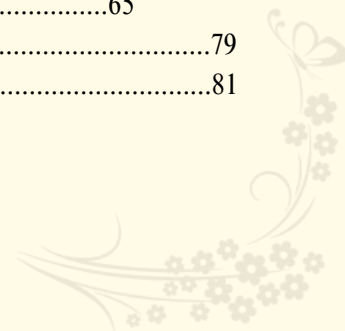
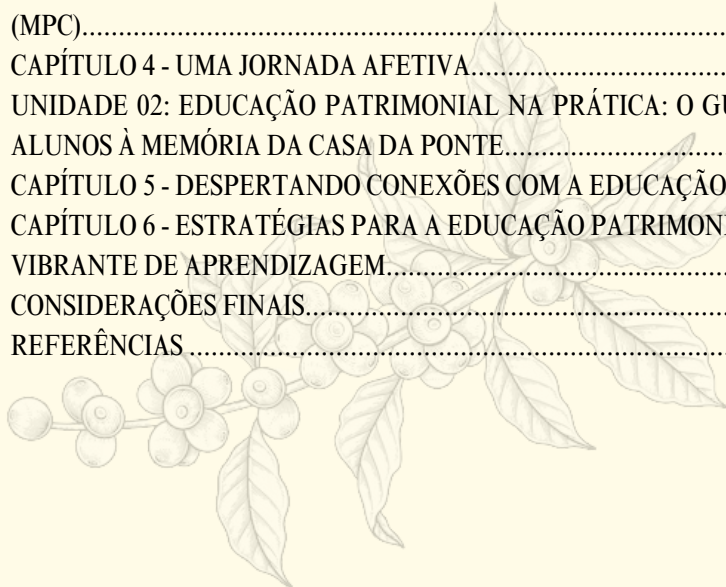
Aos meus avós Chafi e Iracema, que me ensinaram a importância da Casa da Ponte de Itauçu (GO). As suas histórias estão servindo de fonte de inspiração para este guia afetivo.





Sumário

APRESENTANDO O GUIA AFETIVO.....	06
REFLEXÃO: A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA LOCAL E SENSIBILIZAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.....	09
UNIDADE 01: DESVENDANDO OS SEGREDOS DE ITAUCU: UMA JORNADA PELA HISTÓRIA DA CASA DA PONTE.....	11
CAPÍTULO 1 - APRESENTANDO O TERRITÓRIO: CONHECENDO UM POUCO SOBRE ITAUCU (GO).....	19
CAPÍTULO 2 - BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA CASA DA PONTE DE ITAUCU (GO).....	32
CAPÍTULO 3 - OS USOS SOCIAIS DA CASA DA PONTE AO LONGO DO TEMPO E O MOVIMENTO CASA DA PONTE (MPC).....	37
CAPÍTULO 4 - UMA JORNADA AFETIVA.....	50
UNIDADE 02: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA PRÁTICA: O GUIA AFETIVO E SUAS ESTRATÉGIAS PARA CONECTAR ALUNOS À MEMÓRIA DA CASA DA PONTE.....	58
CAPÍTULO 5 - DESPERTANDO CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO.....	61
CAPÍTULO 6 - ESTRATÉGIAS PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: TRANSFORMANDO A CASA DA PONTE EM ESPAÇO VIBRANTE DE APRENDIZAGEM.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	81





Apresentando o guia afetivo

Este guia, carregado de afeto, foi cuidadosamente elaborado como parte integrante da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio da Universidade Estadual de Goiás - Campus Cora Coralina (UEG Cora Coralina). Ele apresenta um mergulho singular em um patrimônio cultural material: a Casa da Ponte de Itauçu, Goiás. Distinguindo-se da Casa de Cora Coralina, na cidade de Goiás, a Casa da Ponte representa, para Itauçu, um marco histórico que celebra a identidade do município[0].

A proposta do guia afetivo, em especial, é poder ofertar, aos professores e professoras da comunidade itauçuense, um elemento norteador para seu trabalho com as futuras gerações. Um trabalho onde o patrimônio cultural possa ser a base, observando a necessidade de se construir, com solidez, a identidade social e cultural do município.

Desde o ano de 1932 a Casa da Ponte assumiu distintos papéis na sociedade, tendo servido como escola, residência e, sobretudo, como um lugar de memória profundamente entrelaçado com a comunidade itauçuense. Ao longo das páginas deste guia você vai mergulhar na rica história e

[0]Embora ambas as casas compartilhem o nome "Casa da Ponte", elas representam contextos e significados distintos. A Casa de Cora Coralina, na cidade de Goiás, é conhecida como a residência da renomada poetisa brasileira Cora Coralina, sendo um local de grande importância cultural e histórica para o estado de Goiás. Por outro lado, a Casa da Ponte de Itauçu assume um papel diferente, sendo um marco histórico específico para o município de Itauçu, representando sua própria identidade e história local, sem a mesma conexão com uma figura literária de renome nacional. Assim, enquanto a Casa de Cora Coralina é celebrada por sua associação com a poetisa, a Casa da Ponte de Itauçu é valorizada por seu papel na história e identidade da comunidade local.



nas experiências que fazem da Casa da Ponte um local verdadeiramente especial.

Este guia afetivo, é um convite para vivenciar a essência única deste patrimônio, repleto de significados e histórias que moldaram a identidade desta comunidade. É também um convite para desvendar os significados e as memórias que permeiam cada parede e cada canto deste espaço rico em história. Esta é uma viagem para aqueles que desejam não apenas conhecer, mas verdadeiramente compreender e se conectar com a essência dessa casa singular.

A foto ao lado, mostra uma das avenidas que dão acesso ao Patrimônio Cultural Material que é a Casa da Ponte, sendo pavimentada na década de 1980, durante o Governo de Severo Lopes de Oliveira, popular Chicão.

A Casa da Ponte não é apenas um conjunto de paredes e objetos, é um testemunho vivo do passado, um elo entre gerações e um reflexo das memórias que a comunidade compartilha.

Seja bem-vindo a este mergulho nas memórias que fazem da Casa da Ponte um patrimônio tão especial para Itauçu! Um e-book, que pode ser impresso e usado sem moderação.

Pavimentação da Avenida Belo Horizonte, na década de 1980.





A Casa da Ponte representa, para muitas pessoas, um local de afeto que vai além do seu valor como patrimônio cultural. Uma maneira fascinante de compreender a evolução das mudanças sociais e espaciais do Povoado de Catingueiro Grande até Itauçu é através das fotografias que compõem o acervo do Senhor Chafi. A fotografia desempenha um papel crucial ao capturar momentos da história e proporcionar uma visão tangível das transformações ao longo do tempo. Uma curiosidade interessante é que a primeira casa no Povoado de Catingueiro Grande foi construída em 1927.

Primeira Casa Construída no Povoado de Catingueiro Grande em 1927





Reflexão: a importância da memória local e sensibilização para o patrimônio cultural local.

Ao cruzarmos os limites da Casa da Ponte nos deparamos com mais do que uma estrutura física; encontramos um tesouro de memórias, um legado que transcende o tempo. Essas lembranças, essas histórias, são parte integrante da nossa identidade, moldando as raízes que nos sustentam no presente.

No espaço escolar somos desafiados a estender essa compreensão para além das paredes da Casa da Ponte. Cada sala, corredor e cantinho deste ambiente não formal de educação possui sua própria narrativa. Ao refletirmos sobre a importância da valorização da memória local, percebemos que estamos imersos em um oceano de histórias, onde cada estudante, professor (a) e funcionário (a) contribui para a trama única dessa instituição.

Assim como a Casa da Ponte é uma ponte entre o ontem e o hoje, a escola é um elo entre

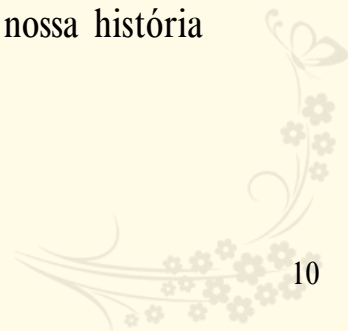
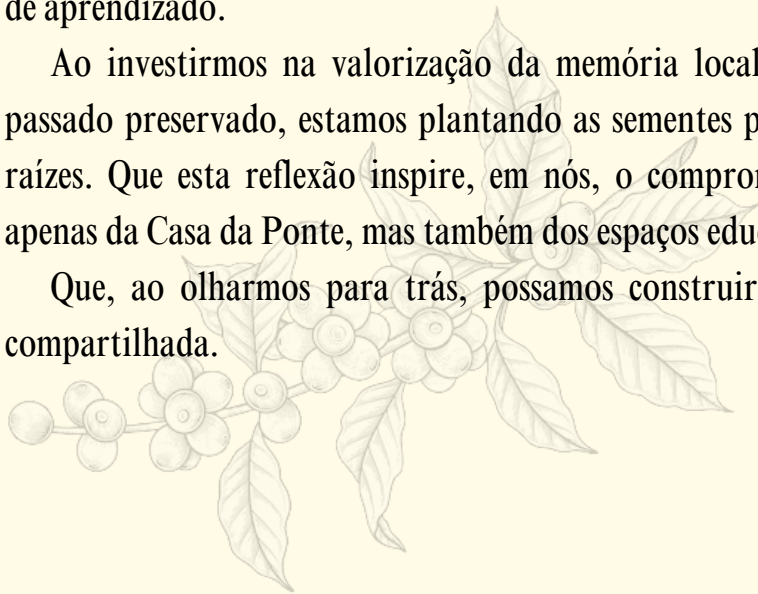


passado, presente e futuro. A sensibilização para o patrimônio cultural local não se limita a tijolos e tradições, mas se estende a cada riso, aprendizado e conquista que preenche os corredores. Cada carteira, cada quadro negro é uma página adicionada à história coletiva que estamos escrevendo.

Esta reflexão não é apenas uma pausa para consideração, é um convite para se tornar parte ativa dessa história. Cada aluno, cada aluna, cada educador é um guardião do patrimônio que compartilhamos, seja ele um edifício centenário ou uma sala de aula que testemunhou décadas de aprendizado.

Ao investirmos na valorização da memória local, estamos construindo mais do que um passado preservado, estamos plantando as sementes para um futuro que honra e respeita suas raízes. Que esta reflexão inspire, em nós, o compromisso de sermos cuidadores atentos não apenas da Casa da Ponte, mas também dos espaços educacionais que moldam mentes e corações.

Que, ao olharmos para trás, possamos construir um amanhã que celebre nossa história compartilhada.





UNIDADE 01: DESVENDANDO OS SEGREDOS DE ITAUÇU: UMA JORNADA PELA HISTÓRIA DA CASA DA PONTE .

HINO À PEDRA

Firmada estás sobre ti:

Pedra Grande!

És teu próprio alicerce.

Sobre tua rocha estão entrelaçadas,

Lapidadas e Esculpidas,

Por memórias de teu povo,

As gravuras de tua História.

Esta Pedra de que te falo,

Foi levantada com bravura!

Desbravada e Eleita,

Pelo Sangue e por Suor.

Coroada agora, por singelos versos,

Que tecidos na voz do poeta,

Permeiam por entre as ruas da cidade.

Contemplando assim os que vivem, e também,

Os que são lembrados In Memoriam.

Tu és forte! Resistente!

Desde o teu princípio:

Catingueiro,

Entremeio o Cruzeiro,

Emancipado Itauçu.

Das Bandeiras até a Moderna Civilização,

Perpétua serás tua Coragem,

Frente à futura geração,

Que recordarás com orgulho

De todos os teus feitos.

Ah, minha Pedra querida,

Já posso ver cenas do passado,

O capim verdinho para alimentar o gado,

A sombra fresca para o leite dos Tropeiros,

O cheiro das flores dos cafezais,

Os poucos ranchos do Catingueiro.

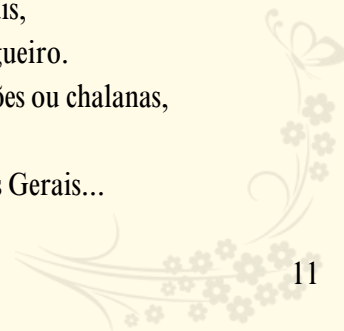
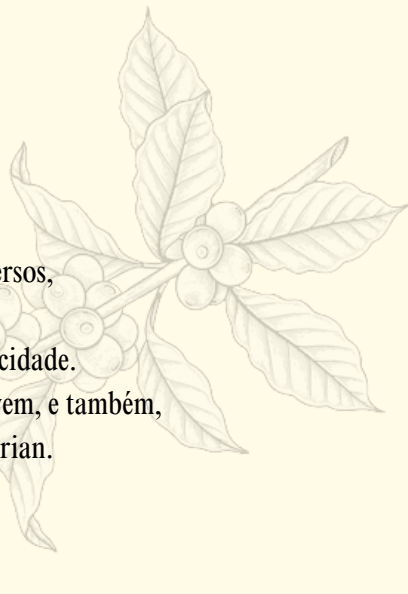
No lombo de mulas, caminhões ou chalanas,

Diversas famílias chegando:

De São Paulo, Bahia e Minas Gerais...

Esta Pedra heterogênea,

De tantas raízes formada:





São Linos, Cunhas e Pereiras,
São Garcias, Rebouças e Caianas,
São Almeidas, Mendes e Saddi,
São Neto, Fagundes, Paula e Carvalhaes.
São tantas e tantas outras,
Que desbravaram o interior de Goiás.
Todas, pequenas estrelas,
Que no vasto céu estrelado
Formaram a constelação do Cruzeiro.
Do pequeno povo que se forma,
Já posso ouvir o som que ali toca:
Tangos e Boleros,
É a banda Jazz 3 de Maio.
Já posso ver
O circo de toureiros
As diversas fantasias
Do animado Bloco Carnavalesco,
O Grito e o apito da Folia de Reis.
Fiéis dobram os vossos joelhos,
À padroeira Nossa Senhora D'Abadia.
Os congadeiros com vestes brancas,

Caminham nas ruas, comemorando
Com tambores e reco-reco,
A libertação dos escravos.
Nas costas carregam a princesa Isabel
“A Abolicionista”.
A rapaziada correndo atrás da bola,
O meião branco até o joelho
“É gol” – vibra a plateia.
Estirado no chão cai o goleiro.
É, Esporte Clube...
Não foi dessa vez!
No palanque o discurso político,
A declaração dos prefeitos,
Ao lado, candidatos a vereadores,
Com propostas em folhetos.
Esta pedra é patrimônio,
Fina joia e preciosa,
Estará bem cuidada,
Preservada em um baú de tesouros,
Junto com as lembranças de teu povo.
Na sua eterna Casa da Ponte.



Autoria: Fábio Júlio de Paula Borges (Artista e Poeta da Comunidade)

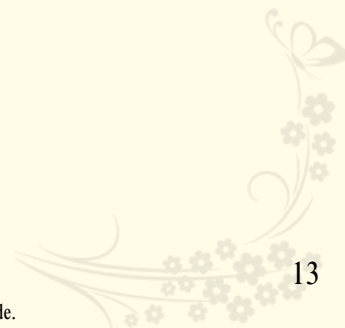
O poema, de autoria do autor Fábio Júlio, conhecido por muitos como filho da Emivalda ou primo da Rúbia Garcia – para quem é de Itauçu, demonstra sua habilidade excepcional em envolver a história, o patrimônio cultural e a Casa da Ponte de maneira esplêndida. Inspirados por essa obra, podemos agora propor uma sugestão de atividade e um desafio que promovam a interação e a criatividade dos participantes. Estão preparados?

Parte da Rodovia GO 070, passando por Itauçu, na década de 1950.[1]



Acervo Pessoal Senhor Toninho Fotógrafo

[1]A fotografia, mostra parte da GO-070, na área geográfica que mostra Itauçu, entre as décadas de 1970 e 1980, os primeiros traços de formação da cidade.





Poetizando o Patrimônio

Objetivo Geral: Explorar o patrimônio cultural da Casa da Ponte de Itauçu, Goiás, por meio da poesia, incentivando a reflexão, a expressão criativa e a conexão emocional com o espaço. Dialogando com áreas do conhecimento, como Língua Portuguesa, História, Geografia...

Materiais Necessários:

- Cópias do poema "Hino à Pedra" para cada participante
- Cadernos ou folhas de papel para anotações
- Canetas ou lápis

Procedimento:

1. Introdução:

- Apresente o poema "Hino à Pedra" e leia-o em voz alta para os participantes.
- Conduza, juntamente com os alunos (as), uma breve discussão sobre os temas, imagens e sentimentos evocados pelo poema. Explore perguntas como: O que o poema nos diz sobre a história e o significado da Casa da Ponte? Quais são as principais imagens ou metáforas utilizadas? Como você se sente ao ler este poema?



2. Exploração da Casa da Ponte:

- Divida os alunos em pequenos grupos e atribua a cada grupo uma área específica da Casa da Ponte para explorar.
- Os grupos devem caminhar pela Casa da Ponte, observando cuidadosamente os detalhes arquitetônicos, os objetos históricos e quaisquer outras características que despertem sua atenção.
- Durante a exploração, os participantes devem anotar em seus cadernos ou folhas de papel as impressões, pensamentos e emoções que surgem ao observar o ambiente.

3. Sessão de Escrita:

- Retorne à área de reunião e forneça tempo para os participantes refletirem sobre suas observações e experiências na Casa da Ponte.
- Com base nessas reflexões e inspirados pelo poema "Hino à Pedra", os participantes são convidados a escrever seus próprios versos ou poesias que capturem sua conexão com o patrimônio cultural da Casa da Ponte.
- Encoraje-os a explorar diferentes temas, como história local, identidade cultural, memória coletiva e significado pessoal.

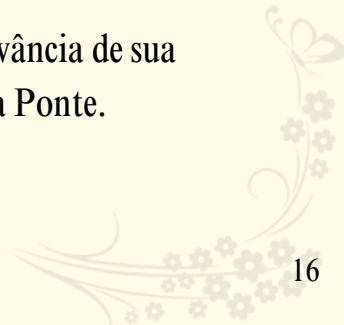
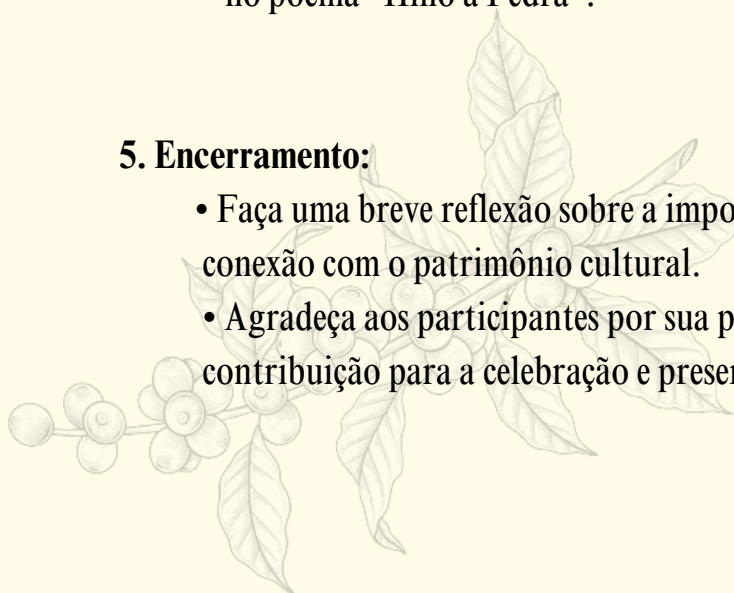


4. Compartilhamento e Discussão:

- Convide os participantes a compartilhar voluntariamente suas criações poéticas com o grupo.
- Após cada leitura, promova uma discussão aberta, incentivando os participantes a compartilhar suas interpretações, e pensamentos sobre as poesias apresentadas.
- Destaque as conexões entre as experiências individuais dos participantes, as observações feitas durante a exploração da Casa da Ponte e os temas abordados no poema "Hino à Pedra".

5. Encerramento:

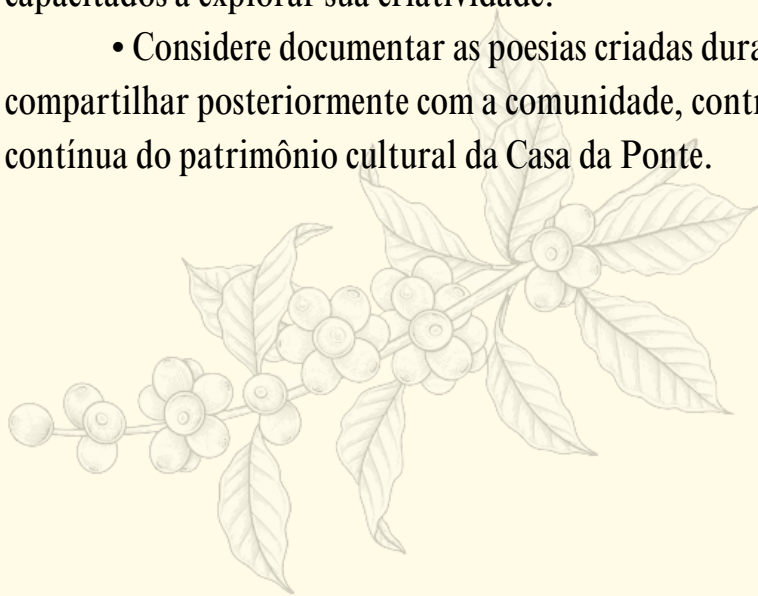
- Faça uma breve reflexão sobre a importância da poesia como meio de expressão e conexão com o patrimônio cultural.
- Agradeça aos participantes por sua participação e destaque a relevância de sua contribuição para a celebração e preservação da história da Casa da Ponte.





Algumas dicas, para a realização da atividade:

- Durante toda a atividade, é importante criar um ambiente acolhedor e respeitoso, onde os participantes se sintam à vontade para compartilhar suas experiências e expressar suas emoções.
- Certifique-se de fornecer suporte e orientação aos participantes conforme necessário, especialmente durante a sessão de escrita, para garantir que se sintam incentivados e capacitados a explorar sua criatividade.
- Considere documentar as poesias criadas durante a atividade para preservar e compartilhar posteriormente com a comunidade, contribuindo assim para a promoção contínua do patrimônio cultural da Casa da Ponte.





HORA DO DESAFIO

Agora, é com você...

Desafio Literário: Celebre a História de Itauçu em Versos!

Você se considera um poeta ou escritor? Então, este desafio é para você! Escreva um poema ou um texto breve inspirado na história, na cultura e nos marcos históricos de Itauçu, com destaque para a Casa da Ponte. Deixe sua criatividade fluir e compartilhe conosco suas palavras de amor por nossa cidade. Junte-se a nós nessa jornada de celebração e conexão com nosso patrimônio cultural. Venha fazer parte dessa história!

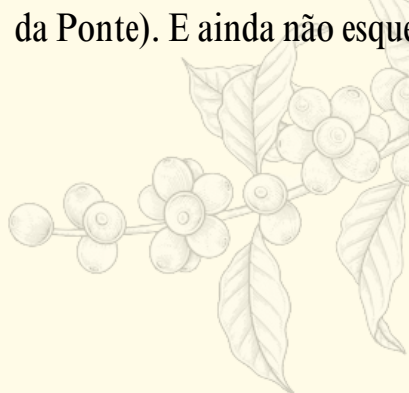
Após a escrita do poema: Publique em suas redes sociais com uma foto de Itauçu (de preferencia o seu “lugar de memória” (um lugar que te traga coisas boas, ou até mesmo a Casa da Ponte). E ainda não esqueça de colocar as seguintes hashtag.

#casadaponteitauçu

#casadapontepatrimoniovivo

Marcar os seguintes perfis

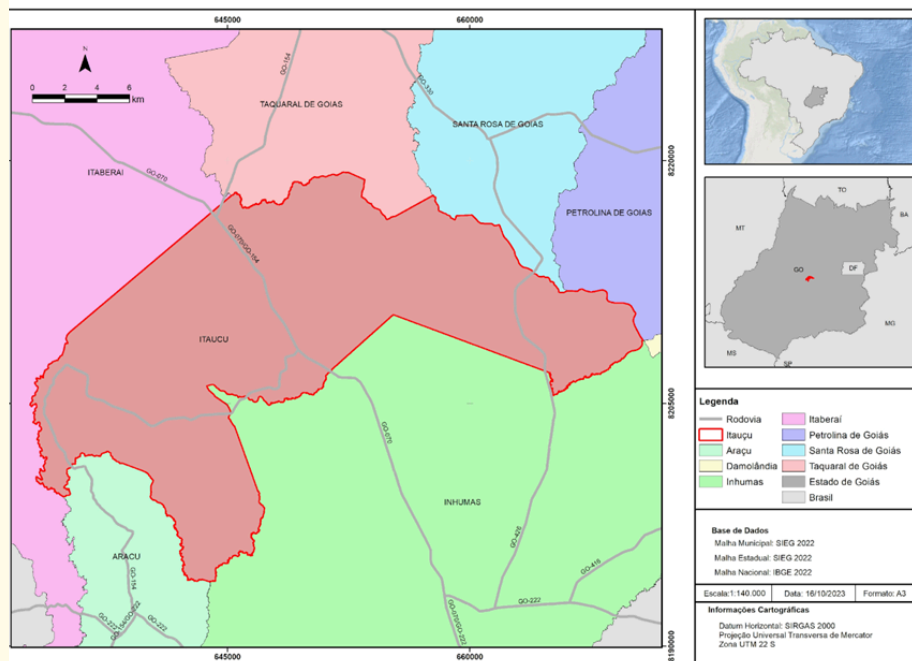
@joseraiissa @f.j.borges1





Capítulo 1 - Apresentando o território: conhecendo um pouco sobre Itauçu (GO)

Figura 1 - Localização do município de Itauçu (GO)



Fonte: Elaborado por Daniel Correa (2023).

Situado no coração de Goiás, o município de Itauçu é muito mais do que um ponto no mapa, é um tesouro de histórias, tradições e identidade cultural. Neste capítulo exploraremos as raízes profundas que moldaram essa comunidade ao longo do tempo destacando elementos essenciais que contribuíram para a construção da identidade local. Na Figura 1 está a localização do município.



A seguir trazemos alguns elementos que compõem a história local, separados por categorias para facilitar a sua compreensão.

a) **Geografia e território:** ocupa uma área territorial com 383,066 km², conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brasil, 2023), com um contingente populacional de 7.736 habitantes

Importante ressaltar que aqui é a nascente de um dos rios do estado de Goiás, o Meia Ponte. A vegetação predominante na região é o Cerrado.

Vista Parcial de Itauçu na década de 1950.



Fonte: Acervo Pessoal do Senhor Chafi José



b) **História e fundação:** Itauçu, batizada, em tupi-guarani, como Pedra Grande, carrega consigo uma história rica e multifacetada que se desenrola ao longo do tempo. Antes mesmo de adotar esse nome significativo, o território testemunhou a própria transformação através de outros rótulos: Povoado de Catingueiro Grande e Cruzeiro do Sul. A história de Itauçu remonta a 1911, quando as terras, anteriormente pertencentes a Itaberaí, começaram a ser povoadas. Naquele período, famílias vindas de diversos cantos do Brasil, como São Paulo, Minas Gerais e Bahia, vislumbraram, nas terras de Itauçu, a promessa de uma vida melhor. Com esse fluxo de pessoas, começou a ser escrita a primeira página da história da comunidade. O Povoado de Catingueiro Grande, em seguida rebatizado com o nome Cruzeiro do Sul, antecede a denominação atual, ilustrando a evolução e as transformações que caracterizaram a região ao longo dos anos. Cada nome reflete não apenas uma mudança nominal, mas também uma narrativa específica de crescimento, desenvolvimento e identidade emergente. Itauçu é um mosaico de influências, uma vez que recebeu contribuições de pessoas oriundas de diferentes estados brasileiros. Essa diversidade de origens é entrelaçada na trama da história local, enriquecendo-a com uma variedade de experiências, tradições e perspectivas.



Ao mergulharmos nas raízes históricas de Itauçu é possível vislumbrar não apenas uma cronologia de eventos, mas sim a construção coletiva de uma comunidade que se desenvolveu com base nas contribuições singulares de cada indivíduo que decidiu chamar esse lugar de lar. Essa é a essência que permeia as páginas da história de Itauçu, cujo processo emancipatório ocorreu em 11 de outubro de 1948, através do a) Decreto-Lei nº175/1948. A economia teve o seu auge na produção cafeeira, sob a responsabilidade de Ernesto Magalhães (logo veremos a sua relação com a Casa da Ponte), com destaque tanto na agricultura quanto na pecuária (COELHO,2001).

Desfile Cívico de 11 de outubro - Década de 1960



Acervo Pessoal do Senhor Chafi José

Momento da Emancipação Política em 11 de outubro de 1948



Acervo Pessoal do Senhor Chafi José.



c) **Patrimônio imaterial**[2] – festejos e tradições: Em Itauçu o patrimônio imaterial ganha vida por meio de festividades e tradições que refletem a riqueza cultural e a identidade única da comunidade. Dentre essas manifestações destacam-se a Folia de Reis, a Congada e a Festa do Peão Boiadeiro, eventos que se entrelaçam às raízes e à alma do lugar (JOSÉ, 2017).

✓ **Folia de Reis:** é um elo emocional que une a comunidade itauçuense. Com suas origens profundamente enraizadas nas tradições religiosas, essa celebração anual irradia espiritualidade e devoção. Os cânticos, as vestimentas coloridas e a representação do nascimento de Jesus se entrelaçam, criando um espetáculo que não apenas celebra a fé, mas também preserva uma parte valiosa da identidade cultural local.

Folia de Reis na década de 1950



Acervo Pessoal do Senhor Chafi José.

[2]O patrimônio imaterial refere-se a práticas culturais, tradições, expressões, conhecimentos e técnicas transmitidos de geração em geração dentro de uma comunidade. Isso inclui festas, rituais, danças, músicas, culinária, histórias, mitos, línguas e muito mais. O patrimônio imaterial é intangível, o que significa que não pode ser tocado ou visto da mesma forma que um objeto físico. Em vez disso, ele vive nas práticas cotidianas das pessoas e é parte integrante de sua identidade cultural. Por outro lado, o patrimônio material consiste em bens tangíveis, como edifícios históricos, monumentos, sítios arqueológicos, obras de arte, manuscritos, artefatos e objetos físicos que têm importância cultural, histórica ou artística. Esses itens podem ser vistos, tocados e experimentados diretamente e são muitas vezes preservados e protegidos como parte do legado cultural de uma sociedade.



✓ **O Corpus Christi:** Em Itauçu era celebrado pela população católica, onde as ruas próximas da Igreja Nossa Senhora da Abadia são adornadas com tapetes coloridos feitos de serragem, flores e outros materiais, formando belíssimos desenhos que representam símbolos religiosos e figuras sagradas. Durante a celebração, a procissão percorre esses tapetes, acompanhada por fiéis que expressam sua fé e devoção. Além das atividades religiosas, o Corpus Christi em Itauçu é também um momento de confraternização e união entre os moradores, que se reúnem para participar das festividades e compartilhar momentos de alegria e espiritualidade.

Momento de Fé: Celebração de Corpus Christi – Década de 1970



Acervo Pessoal Senhor Chafi José





✓ Congada: verdadeira joia do patrimônio imaterial de Itauçu, é uma expressão artística e religiosa que ressoa intensamente na história da comunidade. Suas danças, músicas e a rica simbologia que carrega são testemunhos vivos da preservação das tradições afro-brasileiras. Mais do que uma simples celebração, a Congada transcende o entretenimento; é um veículo de educação, transmitindo conhecimentos ancestrais de geração em geração. A origem da Congada em Itauçu remonta a meados da década de 1970, Eneias Januário Mendes, acompanhados por suas famílias, vindos do interior de Minas Gerais, trouxeram consigo essa rica tradição. A dança, permeada de simbolismo, é uma homenagem às raízes afro-brasileiras, uma maneira de manter viva a história e a espiritualidade que moldaram a comunidade. Cada passo na Congada é mais do que uma expressão coreográfica, é um elo com o passado, uma conexão com os antepassados que, por meio dessa dança sagrada, deixaram um legado cultural duradouro. As vestimentas coloridas, os movimentos ritmados e as melodias se entrelaçam para criar uma experiência que transcende o tempo, transportando participantes e espectadores para um mergulho nas tradições profundas de Itauçu.

A Congada não apenas enriquece o cenário cultural, mas também desempenha um papel



fundamental na educação, transmitindo valores, histórias e sabedoria ancestral. Cada celebração é um testemunho vivo da resiliência da comunidade e de sua dedicação em preservar as riquezas culturais que tornam Itauçu um lugar verdadeiramente especial.

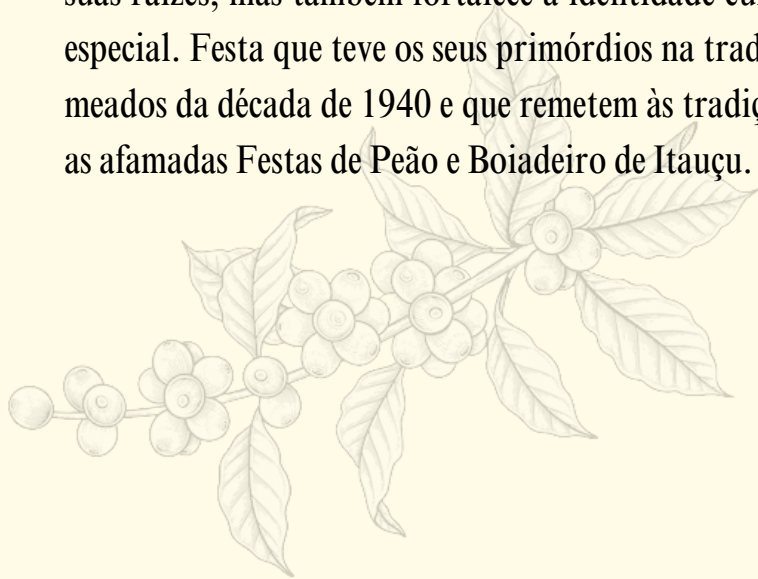
Apresentação da Congada sob o comando do Capitão Vicente



Fonte: Acervo Pessoal Jorge Belim



- ✓ **Festa do Peão Boiadeiro:** a festa ecoa a tradição rural e a importância da pecuária na região. Esta festividade homenageia os bravos peões boiadeiros, destacando a herança agrícola e as habilidades que desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento econômico de Itauçu. A festa não é apenas uma celebração, é um tributo à resiliência da comunidade diante dos desafios da vida rural. Essas expressões culturais imateriais não são apenas eventos festivos, são fios que tecem a rica tapeçaria de Itauçu, conectando passado, presente e futuro. Ao preservar e celebrar essas tradições a comunidade não apenas honra suas raízes, mas também fortalece a identidade cultural que faz de Itauçu um lugar único e especial. Festa que teve os seus primórdios na tradição das Touradas, popular na região em meados da década de 1940 e que remetem às tradições espanholas. Nós as conhecemos como as afamadas Festas de Peão e Boiadeiro de Itauçu.





Apresentação das Touradas, na década de 1940



Fonte: Acervo Pessoal do Senhor Chafi José





✓ **Festa em Louvor a Nossa Senhora da Abadia e São Benedito:** tradicionalmente ocorre na segunda quinzena do mês de agosto, logo após a festa de Itaberaí. A tradição teve início ainda no Povoado de Catingueiro Grande, quando a primeira imagem foi trazida para as terras do povoado, por volta do ano de 1915, como forma de devoção, por Alzira da Cunha, em forma de pagamento a uma promessa; assim como a capela feita em homenagens aos santos[3].

A primeira imagem, após a demolição da capela e da igreja que atualmente é o centro comunitário São José, foi encontrada após anos de desaparecimento, restaurada por Chafi José, por volta de 2001, e devolvida à Igreja Católica.

Festa em Louvor a Nossa Senhora da Abadia e São Benedito – Década 1940



Fonte: Acervo Pessoal do Senhor Chafi José

[3] Para você que é da cidade, essa capela era na Avenida Belo Horizonte esquina com a Rua Porto Alegre, onde se localiza o antigo depósito de gás do Fabinho.



Festa em Louvor a Nossa Senhora da Abadia e São Benedito – Década 1950



Fonte: Acervo Pessoal do Senhor Chafi José





Fonte: Acervo Pessoal do Senhor Chafi José

Sara Antônio José, o idealizador da construção do espaço conhecido como Casa da Ponte, onde o projeto inicial, para a utilização do espaço é para ser uma escola, maior, para atender as crianças, do Povoado de Catingueiro Grande, que em números cresciam, pela demanda de pessoas que chegavam a região, para trabalharem nas lavouras de café. (JOSÉ, 2017)

Ambas as fotos, são do Acervo pessoal do Senhor Chafi José, em momentos distintos com o seu pai, Gabriel José, um dos primeiros comerciantes (profissão essa que era conhecida como Mascate) que chegara do Líbano, juntamente com a sua esposa,



Fonte: Acervo Pessoal do Senhor Chafi José



A Casa da Ponte, marco emblemático de Itauçu, tem suas raízes profundamente entrelaçadas com a visão e determinação de seus fundadores, com destaque para o coronel Ernesto Magalhães e a sua relação construída para com as terras itauçuenses. Na Figura 2 está a localização da Casa da Ponte, na Rua Ernesto Magalhães nº 12, esquina com a Avenida Belo Horizonte, nas proximidades da ponte por onde passa o Córrego Maria da Silva, saída para o município de Itaberaí (GO).

A construção original da Casa da Ponte ocorreu em 1932. Esse período foi marcado por um momento importante, pois estava em andamento o planejamento da transferência da antiga capital, Vila Boa de Goiás, para um espaço maior, que momentos depois foi denominado como Goiânia. Segundo as memórias de Chafi José, registradas em seus escritos pessoais, seu pai, Gabriel José, mandou construir a casa em atendimento a um pedido de sua esposa, Sara Antônio José, para que ali pudesse ser uma escola[4] para o Povoado de Catingueiro Grande, uma vez que o índice de analfabetismo no povoado era alto (José, 2017; Coelho, 2001). Logo em seguida, deixando o uso social de escola, a casa passou a assumir o papel de residência, sendo que Ernesto Magalhães[5] foi o seu primeiro morador. É importante ressaltar que o uso como residência

[4] Uma escola que contava com apenas quatro cômodos para poder atender as necessidades das crianças do povoado, pois a maioria não tinha condições de pagar um professor itinerante; o qual vinha, por tempo determinado, de Curralinho, município próximo, para ensinar um pequeno grupo de crianças cujos pais tinham condição de arcar com as despesas.

[5] Natural de Caetés, Minas Gerais, veio para Goiás nos primeiros anos do século XX e, com a sua chegada na região, ergueu-se como mais do que uma simples residência.



ocorreu depois de um longo período de negociação entre Gabriel José e Ernesto Magalhães. Este já se encontrava com a saúde debilitada e passou seus últimos dias de vida na Casa da Ponte, juntamente com a sua família (José, 2017).

Uma construção, inspirada pelas demais que se faziam presentes nas imediações do Povoado de Catingueiro Grande, torna-se uma manifestação tangível de sua visão para a comunidade. Ao mergulharmos nas origens compreendemos que a Casa da Ponte não é apenas um edifício, é o legado vibrante de seus fundadores, especialmente de Ernesto Magalhães, que deixou a sua marca na história de Itauçu.

À medida que o tempo foi avançando o espaço da Casa da Ponte viu sua história se desdobrar, acolhendo novos moradores que, à sua maneira, contribuíram para a continuidade do legado deixado por Ernesto Magalhães. Dados históricos registram que o segundo morador da casa foi Werciley Saraiva, que, no município, tem seu nome ligado à política, juntamente com Ernesto Magalhães e Bernardo Lobo de Oliveira. Segundo José Maria Gomes[6], em entrevista concedida em junho de 2023, Werciley se casou com uma das filhas de Ernesto e não tiveram filhos.

Com o passar dos anos, a Casa da Ponte abriu suas portas para outras vermos também outras histórias de um morador que juntamente com a sua família, teve a oportunidade de narrar histórias sobrenaturais).

[6] Passou boa parte da sua infância e adolescência no município de Itauçu. Foi Secretário de Administração e Secretário da Educação no mandato do então prefeito Manoel da Anunciação, na década de 1980.



Esses novos capítulos na história da Casa da Ponte refletem não apenas mudanças nas paredes e estruturas, mas uma evolução contínua da própria comunidade. O que começou como a visão singular de Ernesto Magalhães para uma casa tornou-se, ao longo das décadas, uma narrativa coletiva, onde diferentes famílias e indivíduos compartilharam um espaço que vai além do físico.

Essa sucessão de moradores é um testemunho da vitalidade da Casa da Ponte, onde a história não é estática, mas uma narrativa em constante evolução. Cada nova família, ao contribuir com sua própria narrativa, ajuda a preservar e enriquecer o patrimônio local, solidificando a Casa da Ponte como mais do que uma simples residência: é um santuário de histórias entrelaçadas.



Fonte: Acervo Pessoal do Senhor Chafi José



Fonte: Acervo Pessoal do Senhor Chafi José



Fonte: Acervo Wesley Nunes [7]

[7]As três fotos foram tiradas em contextos diferentes para que o leitor possa ter uma noção do processo evolutivo da casa. A primeira foto registra a forma original da casa, tirada em 1932. A segunda foto, também em preto e branco, foi tirada pelo fotógrafo da comunidade, Jorge Antônio do Couto, conhecido entre a população como Jorge Belim. Nota-se uma modificação em relação ao alpendre, que na primeira foto não estava presente. A terceira foto, registrada pelo fotógrafo Wesley Nunes, mostra a casa revitalizada sob a liderança do Movimento Casa da Ponte, tirada em 2021



Capítulo 3 - Os usos sociais da Casa da Ponte ao longo do tempo e o Movimento Casa da Ponte (MPC)

Ao longo das décadas a Casa da Ponte testemunhou não apenas o fluir do tempo, mas também transformações significativas que a tornaram um marco dinâmico de Itauçu. Essa evolução, impulsionada por uma tapeçaria rica de eventos históricos, é uma manifestação tangível da resiliência e adaptação da comunidade ao longo dos anos.

A arquitetura da Casa da Ponte foi inicialmente concebida a partir da idealização de Gabriel José, que trouxe a inspiração de Ipameri, primeira cidade que a sua família se instalou ao adentrar as terras goianas. Onde os detalhes, em especial, aqueles que compunham a fachada, como a data de construção, ficaram perpetuados para as futuras gerações.

Os corredores que ecoaram as vozes dos primeiros moradores foram expandidos para acomodar novas gerações. As paredes que abrigavam histórias agora guardam não apenas lembranças



passadas, mas também novos capítulos que continuam a ser escritos. A Casa da Ponte, ao ser adaptada, tornou-se um reflexo vivo da jornada coletiva da comunidade.

A Casa da Ponte não é apenas uma estrutura estática; é uma testemunha ativa da história de Itauçu. Ao longo dos anos, eventos históricos significativos foram entrelaçados com sua arquitetura imponente. Seus corredores guardam memórias de reuniões comunitárias, celebrações festivas e momentos que moldaram o destino da cidade.

Uma das personalidades que povoam o imaginário popular e que, juntamente com a Casa da Ponte, deixou marcada a sua história, é Chico Papo. Ana Maria Garcia, professora, conhecida na cidade como Ana Loira, narra, em detalhes a história desse ícone da cultura popular local. Com os olhos brilhantes, ela relembra trechos da sua infância nos quais traz a figura de Chico Papo. Conforme ela conta, ele era um homem de estatura mediana, tinha cabelos encaracolados, trajado com camisa e calça, que andava com um cajado na mão medindo as ruas do povoado. Na região do pescoço ele tinha um caroço, ocasionado por um problema na tireoide, conforme mencionado pela professora e também por Coelho (2001).

Durante o processo de pesquisa para a composição deste guia, não tive acesso a nenhum tipo de informação sobre o Chico Papo além do que foi repassado pela professora Ana Maria Garcia e o que



está mencionado no trabalho de Coelho (2001).

Tampouco consegui um registro de imagem. Na Figura 3 e 3.1 está o desenho do Chico Papo feita pela inteligência artificial **leonardo.ia**, conforme as características mencionadas.

Figura 3 e 3.1 - Ilustração realista gerada por inteligência artificial de acordo com relatos da época.



Fonte: Elaborado por leonardo.ia (2024).



Outras pessoas residiram na Casa da Ponte após o período de Ernesto Magalhães e de Werciley Saraiva, em anos diferentes. Infelizmente, também não há registros de quem foram os outros os moradores da casa e os anos específicos de sua permanência. No entanto, destaca-se que o senhor Luís Alberto, conhecido como Luisinho Vereador na comunidade, viveu na casa em meados da década de 1980, durante a transição entre infância e adolescência. Naquele período, juntamente com seus pais, o imóvel foi cedido por Werciley. Durante a juventude de Luizinho[8] , histórias sobrenaturais fizeram parte da narrativa da casa.

Ao longo dos anos, a casa teve outros moradores, alguns dos quais já não residem mais no município e outros que infelizmente já faleceram. A história da Casa da Ponte é marcada por diferentes capítulos e pelas vivências das pessoas que ali habitaram. Ao longo dos anos ela sempre intrigou o imaginário popular dos itauçuenses, tornando-se um símbolo da infância para muitos que tinham a rua Ernesto Magalhães como o principal espaço para suas brincadeiras.

Entre os anos de 2013 e 2014 a Casa da Ponte passou por uma situação de abandono, onde não se encontrava nenhum morador e nenhum cuidado para com o imóvel, ficando à mercê do próprio tempo. Em meados de 2014 surgiu o Movimento da Casa da Ponte, sendo que o grupo inicial era

[8] Durante a entrevista o marco da sua narrativa foram as histórias sobrenaturais, presenciadas nos limites da Casa da Ponte, vividas tanto por ele como pelos seus familiares. No próximo capítulo você verá trechos sobre essa história narrada por Luís.



composto por pessoas naturais de Itauçu e alguns dos seus membros já não se encontram mais entre nós, como Rui França Barbosa[9] , Nelson Guimarães[10] e Chafi José[11] .

O objetivo do Movimento Casa da Ponte é, realizar o processo de salvaguarda do patrimônio cultural itauçuense, que é a Casa e ainda juntamente com a comunidade, realizar atividades culturais que são tradicionais em Itauçu. A escritora itauçuense, Lucinda Prado, através do conto ‘A casa’[12] , atuou como uma mola propulsora para a realização de um sonho. A seguir o texto da escritora.

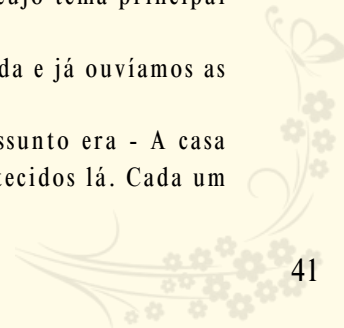
A CASA - (principalmente para os moradores de Itauçu-Go)

Texto publicado em minha página em 2013

“Mistério, pavor e curiosidade cercavam a mente da meninada todas as vezes que nos aproximávamos daquela casa daquela casa vazia. A casa ficava em uma esquina, sua cor de um amarelado duvidoso, despertando no imaginário da população, mil histórias, que os mais velhos contavam excitados, em conversas cujo tema principal era a tal casa.

Não sei bem como tudo começou, mas ainda morávamos na fazenda e já ouvíamos as histórias apavorantes dos acontecimentos daquela casa.

Um ar de coisas inexplicáveis sempre tomava conta quando o assunto era - A casa do Werciley - Crescemos ouvindo os mais diversos “causos”acontecidos lá. Cada um tinha uma história





mais estapafúrdia que a do outro. À bem da verdade, nunca vimos uma janela sequer, aberta... Era realmente uma casa abandonada. Também quem teria coragem de morar nela com aquele ar de amaldiçoada?

Minha mãe, sempre, contava que se colocássemos uma palhinha demilho por baixo da porta, ela era devolvida, sempre, com um nozinho na ponta. Outras vezes ela dizia que várias pessoas viam (não sei como) uma vaca amarela entrando na casa. E que existia uma panela de ferro, muito grande-daquelas redondas, com quatro pezinhos no fundo, se alguém a levasse para dentro da casa, imediatamente era levada de volta para o quintal, por alguém invisível. Outra história que corria de boca em boca, era sobre o antigo proprietário, pai do Werciley, ou, de sua mulher (não me lembro ao certo) que nunca morreu e viveu em um quarto da casa com a tal panela de ferro (se levasse pra fora ela voltava sozinha pra dentro do quarto), ele cresceu os cabelos eunhas, virando um bicho muito feio e ninguém podia entrar no quarto...até que um dia ele simplesmente desapareceu, mas a panela ficou, dizem que estava lá até pouco tempo.

[9] Para aqueles que são de Itauçu, Rui França Barbosa, filho do senhor Ovidio França Barbosa, conhecido como Ovidio Baiano, contador e administrador por formação. Usou a sua página na rede social Facebook para narrar, através de crônicas, intituladas 'Memórias de um sexagenário', as diferentes fases de sua vida, tendo Itauçu como pano de fundo das suas narrativas. Um detalhe interessante sobre Rui França é que parte da sua renda era destinada à compra e doação de livros como forma de incentivo à leitura. Link para a sua rede social: https://www.facebook.com/ruifrancabarbarosa.franca/?locale=pt_BR. Acesso em: 23 dez. 2023.

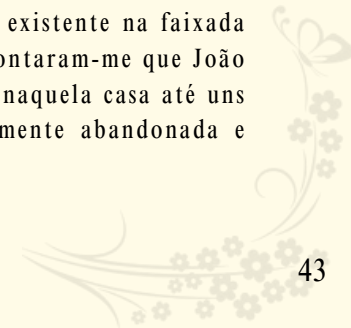
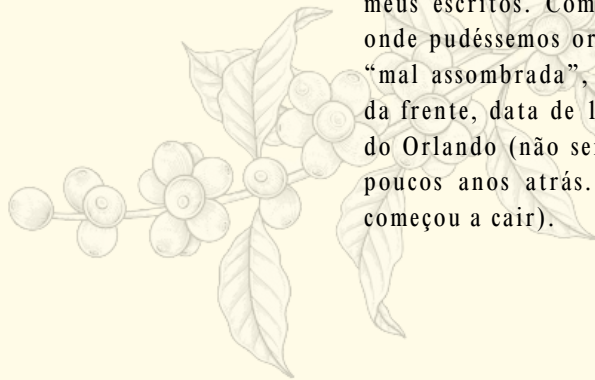
[10] Natural de Itauçu, um dos precursores do Movimento da Casa da Ponte, proprietário de uma empresa de seguros, filho da Dona Maria Pereira, professora. Durante os encontros do Movimento da Casa da Ponte (MCP) escreveu seus primeiros versos, fazendo parte do projeto Fotoversivos.

[11] Nascido em 26 de agosto de 1925, na região da Fazenda da Abóbora, antes pertencente ao Povoado de Catingueiro Grande, atual região do município de Inhumas. Filho dos libaneses Gabriel e Sara José, passou a sua infância e adolescência região, viu o povoado ser emancipado, sair dos domínios de outro município, viu a cidade tomar forma e tem participado de momentos importantes para a história do município. Apaixonado por fotografia. Logo, aqueles que procuravam saber mais sobre o processo de formação do município, a sua memória era aguçada pela fotografia, onde para o seu acervo com mais de duas mil imagens, uma história era contada. Seu Chafi, faleceu com 92 anos, em 3 de dezembro de 2017, dez meses depois de sua esposa, por complicações pulmonares.

[12] Retirado da rede social, da autora, e repostado no grupo Vamos Salvar a Casa da Ponte: https://www.facebook.com/acasadaponteitauçu/photos/a.368144630042772/368144640042771/?locale=pt_BR. Acesso em: 16 fev. 2024.



Assim, Passei a vida pensando que realmente um “mistério do além” cercava aquela casa. O dono, senhor Werciley, também era cercado por mistérios. Diziam que ele tinha ficado rico por ter feito um pacto com o demônio e que na casa dele havia uma garrafa com um capetinha dentro, uma espécie de cofre de dinheiro, pois sempre que ele precisava de algum, era para o capetinha que ele pedia. Muitas vezes passávamos pela porta da casa dele e deparávamos com a porta aberta, espichávamos os olhos curiosos para seu interior e juramos que víamos a tal garrafa depositada em cima de um móvel. Este senhor era dono de alguns imóveis e sempre despertou em nós, crianças e adultos, certa curiosidade para saber suas origens. E um dos mistérios que o cercavam era justamente a existência daquela casa abandonada e “mal assombrada”. Eu gosto muito de viajar, principalmente para cidadezinhas interioranas, com seu povo simples e hospitaleiro. Ituaçu, lugar onde passei a maior parte de minha infância e adolescência é um desses lugares, com o passar dos anos, continuou sendo uma cidadezinha pequenina, pouco mais de sete mil e setecentos habitantes. Em uma de minhas visitas ao lugar, observei que não havia por ali nenhum ponto de Cultura, onde pudéssemos conhecer a história do lugar, como acontece em várias cidadezinhas do interior de Minas, por exemplo, onde normalmente vou realizar pesquisas para meus escritos. Começou a desenhar na minha cabeça a possibilidade de um museu onde pudéssemos organizar os acervos da história do lugar. Lembrei-me da tal casa “mal assombrada”, uma construção antiga, segundo uma placa existente na faixa da frente, data de 1940. Lugar ideal a criação de um Museu. Contaram-me que João do Orlando (não sei se pai ou irmão do Fia (do padre), morou naquela casa até uns poucos anos atrás. Depois que ele mudou a casa ficou totalmente abandonada e começou a cair).





Conversei com algumas pessoas a respeito de minha vontade, mas não encontrei terreno fértil para semear minhas ideias. Com o passar do tempo e com a expansão das redes de relacionamento, um dia recebi um convite para fazer parte de uma comunidade chamada ÍTAUÇU-GO. Aceitei, imediatamente lancei a ideia para tentarmos criar uma organização para fazer os planejamentos necessários para a criação do projeto, mas acabamos nos perdendo, acredito que pela distância, hoje moro em Roraima. (Mas parte de minha família continua morando em Itauçu)

Outro dia recebi a notícia de que um grupo de vereadores da administração atual entrou com um requerimento solicitando ao prefeito a desapropriação da referida casa, para que a mesma fosse transformada no nosso tão sonhado museu.

Poderíamos pensar em algo para reforçar esse requerimento dos vereadores. O que poderíamos fazer? (Prado, 2015).

O trecho da escritora itauçuense Lucinda Prado, destaca a importância de que a sua terra natal, deve ter um espaço dedicado a memória do município, para a valorização da sua memória, e um trabalho realizado que permite ser passado para as futuras gerações, em um espaço que realmente possa ir além do que seja compreendido além da sala de aula. Experiências por suas andanças no interior do país pode ser notada na descrição da sua escrita, e o desejo de um lugar, dedicado a memória do município surge ao se deparar ao estado em que se encontrava a Casa da Ponte.



Os primeiros passos em favor da Casa da Ponte foram dados com sucesso, mas era preciso envolver toda a população no processo. E, para isso, nada melhor do que despertar a curiosidade e o interesse das pessoas através de um conto misterioso que os convidasse a compartilhar suas próprias lembranças e experiências em torno da Casa da Ponte. Assim, a autora do conto, com todo o cuidado e carinho, elaborou um conto envolvente, repleto de suspense e magia, capaz de transportar os itauçuenses para um mundo onde o passado se fundia com o presente. Foi uma forma de dar vida às paredes antigas da casa, de resgatar os segredos esquecidos e de unir a comunidade em torno de um objetivo comum: preservar sua história.

No mesmo período em que esse conto foi publicado por Lucinda Prado, o então vereador municipal Bernardo Lobo de Almeida[13], fez um requerimento, junto à Câmara Municipal de vereadores, para que o imóvel da Casa da Ponte, de fato fosse tombado. Após todos os trâmites legais o tombamento aconteceu em 26 de dezembro de 2013, por meio da Lei municipal nº 858/2013 (Itauçu, 2013).

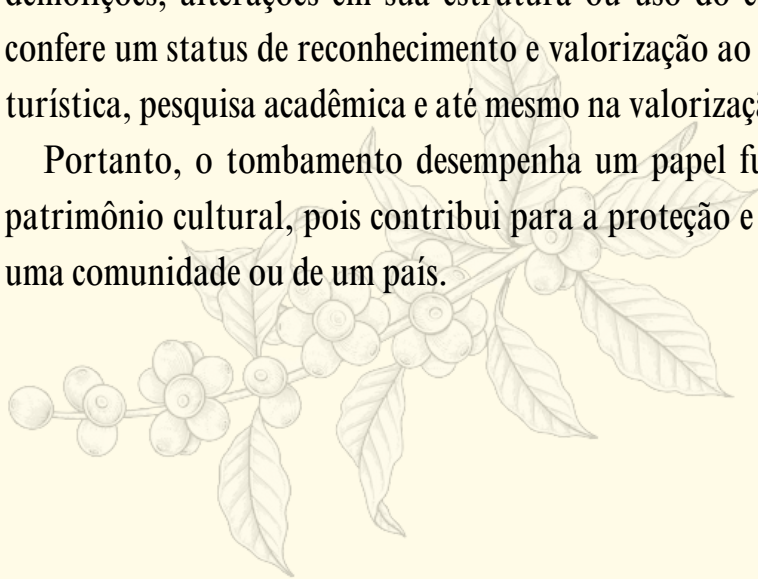
Mas, você sabe o que é tombamento? Qual a importância desse instrumento jurídico para o processo de salvaguarda do patrimônio cultural?

[13] Vereador por Itauçu entre os anos de 2012 e 2015, durante a gestão do então prefeito Moacir Dias Barbosa. Conhecido na comunidade como Tulim, foi o responsável pelo requerimento, junto à Câmara Municipal, para o processo de tombamento da Casa da Ponte. Bisneto de Ernesto Magalhães e neto de Bernardo de Oliveira Lobo.



Vou te contar. O tombamento, pelo decreto-lei nº 25/1937 é um instrumento jurídico de preservação do patrimônio cultural, que consiste no registro oficial de bens considerados de interesse histórico, cultural, arquitetônico, paisagístico ou ambiental. Esse registro é realizado por órgãos competentes, geralmente ligados ao governo, e tem como objetivo principal garantir a proteção, conservação e valorização desses bens para as presentes e futuras gerações. Quando um bem é tombado, ele passa a ter uma série de restrições e obrigações impostas pelo órgão responsável, visando sua preservação. Isso pode incluir limitações quanto a intervenções físicas, demolições, alterações em sua estrutura ou uso do espaço. Além disso, o tombamento também confere um status de reconhecimento e valorização ao bem, podendo influenciar em sua promoção turística, pesquisa acadêmica e até mesmo na valorização imobiliária da região.

Portanto, o tombamento desempenha um papel fundamental no processo de salvaguarda do patrimônio cultural, pois contribui para a proteção e manutenção da identidade e da memória de uma comunidade ou de um país.





Ao reconhecer e preservar bens de valor cultural, o tombamento ajuda a garantir a continuidade das tradições, a valorização da história e a promoção da diversidade cultural.

Importante ressaltar que o tombamento, nesse processo, é válido para a salvaguarda de bens culturais materiais, diferentemente do registro, que também é um instrumento de preservação, para poder salvaguardar bens culturais de natureza imaterial[14].

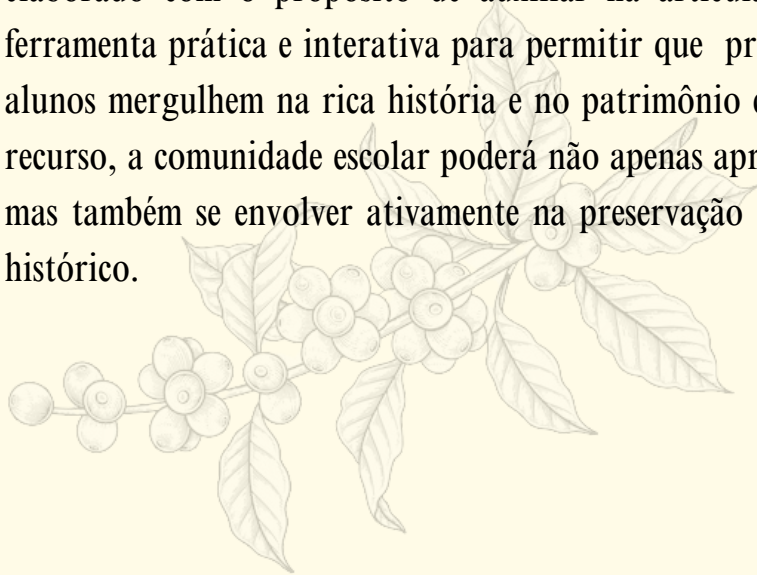
Pelos anos de luta e perseverança, o sonho de Itauçu tornou-se uma realidade tangível a partir de 2017, quando o plano de revitalização da Casa da Ponte começou a sair do papel e ganhar forma. Esse marco representa não apenas a concretização de um projeto arquitetônico, mas também a materialização dos anseios e aspirações dos habitantes de Itauçu, que há tanto tempo almejavam transformar esse espaço em um centro de preservação da memória local. O Museu da Memória Casa da Ponte não é apenas um edifício restaurado, mas sim um símbolo de identidade e pertencimento para a comunidade, onde as histórias do passado são preservadas e celebradas para as gerações presentes e futuras.

[14] O patrimônio imaterial, também conhecido como patrimônio cultural imaterial, refere-se aos elementos culturais que são transmitidos de geração em geração e que têm um valor significativo para as comunidades, grupos ou indivíduos. Diferentemente do patrimônio material, que engloba construções, monumentos e objetos físicos, o patrimônio imaterial é intangível e inclui práticas, expressões, conhecimentos e tradições. Esses elementos imateriais podem ser manifestações como danças, músicas, rituais, festivais, artesanato, técnicas de produção, narrativas orais, línguas, entre outros aspectos da cultura. Eles representam a diversidade cultural e a identidade de uma comunidade ou grupo, contribuindo para a sua coesão social e promovendo o sentimento de pertencimento (IPHAN – conceito adaptado).



Com a chegada da pandemia de covid-19, as atividades do Museu da Memória Casa da Ponte, devido aos cumprimentos das medidas sanitárias de isolamento social, nesse período funcionaram de maneira interna, até janeiro de 2022. A partir dessa data as atividades internas foram suspensas e sendo as mesmas retomadas em setembro de 2023, com a abertura para as visitas públicas.

A Casa da Ponte é um espaço que, a partir de agora, gradualmente está sendo explorado pela comunidade, especialmente pelas escolas locais. Este guia afetivo foi cuidadosamente pensado e elaborado com o propósito de auxiliar na articulação desse processo. Ele serve como uma ferramenta prática e interativa para permitir que professoras e professores tanto como alunas e alunos mergulhem na rica história e no patrimônio cultural da Casa da Ponte. Ao utilizar esse recurso, a comunidade escolar poderá não apenas aprender a valorizar sobre o passado do local, mas também se envolver ativamente na preservação e valorização desse importante patrimônio histórico.





A Casa da Ponte, enquanto escola. Turma da Professora Odete.





Capítulo 4 - Uma jornada afetiva

A memória é um tesouro de lembranças que muitas vezes escapam da capacidade da escrita acadêmica de capturar em palavras. Ela é um tecido complexo de experiências, emoções e percepções que moldam nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Enquanto a escrita acadêmica busca analisar, descrever e interpretar eventos passados, a memória vive dentro de nós, trazendo à tona sentimentos profundos, conexões emocionais e nuances que não podem ser totalmente expressas por meio de análises frias ou fatos objetivos. É através da memória que mantemos viva nossa identidade, nossa cultura e nossa história, transcendendo as limitações da linguagem escrita e nos conectando com o passado de maneiras profundas e significativas. Este capítulo busca justamente essa conexão íntima com as lembranças, proporcionando uma jornada afetiva pela Casa da Ponte que vai além das descrições formais. Uma das lembranças que pude ter o privilégio de escutar com uma riqueza de detalhes inigualável é da professora Ana Maria Garcia, conhecida pela comunidade como Ana Loira[12]. Vinda de uma família de retirantes baianos que chegaram em terras goianas no lombo de animais ainda criança, ela enaltece aquele tempo com



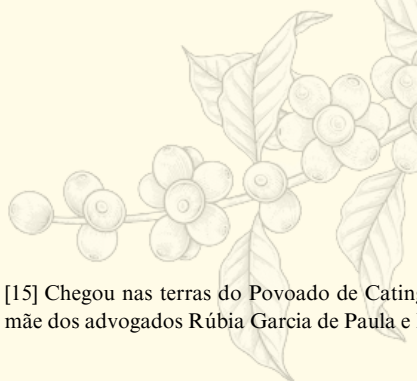
saudosismo.

Uma das lembranças que pude ter o privilégio de escutar com uma riqueza de detalhes inigualável é da professora Ana Maria Garcia, conhecida pela comunidade como Ana Loira[15] . Vinda de uma família de retirantes baianos que chegaram em terras goianas no lombo de animais ainda criança, ela enaltece aquele tempo com saudosismo. Chegando ao Povoado de Catingueiro Grande com a sua família, Ana Maria foi morar nas terras de Ernesto Magalhães, pois seu pai tinha um contato maior com ele. Ao pai cabia as atividades que visavam a garantia do sustento familiar. Já as atividades domésticas e todo o cuidado para com a família era de responsabilidade da sua mãe e dos demais filhos.

Abaixo a professora Ana Maria, descreve com detalhe de como era o cotidiano da Casa da Ponte, enquanto moradia.

Nesta casa devia também uma jovem que cuidava da limpeza era a Maria. Maria falava pouco sempre que achava as pessoas é que sempre quer dizer sempre que ela olhava as pessoas ela esboçava um sorriso tímido para os pés. Ela própria costurava suas roupas, seus vestidos, costurava à mão. E dava pra se notar que ela apresentava uma certa deficiência cognitiva. Aos moradores da casa eram muito religiosos a mulher do seu Ernesto, a mulher do seu Vercilei e a própria Maria que não perdia uma missa e a Maria quando iam na

[15] Chegou nas terras do Povoado de Catingueiro Grande ainda pequena, vinda da Bahia, no lombo de animais, juntamente com os seus pais. É a mãe dos advogados Rúbia Garcia de Paula e Bruno Garcia de Paula.





igreja a Maria ficava o tempo todo de pé com o braço dobrado da cintura tipo um ângulo reto sustentando três sombrinhas. A sobrinha dela e as duas das senhoras da dona Maria e da dona Ernestina. Eu como criança olhava aqui e achava muito interessante ela em pezinho sem mexer com as com as sombrinhas penduradas no braço. O pessoal dizia que a Maria era irmã de Chico Papo. Um surdo-mudo que ia todos os dias pegar comida nesta casa. E aqui falando em chico-papo abra um parêntese pra essa personagem lendária que é o Chico Papo. Ele era jovem, moreno escuro, forte usava camisa das desabotoada e trazia na mão cajado. Esse cajado ele usava para medir as ruas, medir as portas das Sem falar nada. Só medindo como se fosse uma trena. Às vezes parava e abanava com uma das mãos. Bati a mão pra um lado e para o outro. Virava o pescoço de um lado e do outro. Como se fosse um agrimensor as pessoas o chamavam de engenheiro (Trecho da Entrevista da Ana Maria Garcia).

Maria e Chico Papo. Duas pessoas que a história local pouco menciona, mas que nos transporta diretamente para a atmosfera da Casa da Ponte, revelando detalhes singulares e personagens marcantes que contribuíram para a riqueza da vivência naquele espaço. A figura de Maria, com seu sorriso tímido e suas habilidades manuais, ressalta a diversidade de habilidades e personalidades que coexistiam na casa.



A descrição da devoção religiosa dos moradores, especialmente de Maria, acrescenta uma camada de espiritualidade à narrativa. A imagem peculiar de Maria sustentando três sombrinhas durante a missa revela um aspecto encantador e simbólico da sua participação na vida religiosa da comunidade.

A menção a Chico Papo, com sua abordagem única e suas ações misteriosas, contribui para a construção de personagens icônicos que deixaram sua marca na memória da Casa da Ponte. A descrição de suas ações, como medir as ruas e portas, adiciona um toque de mistério e curiosidade à narrativa.

É fascinante observar como as lembranças de Ana Maria Garcia evocam personagens que, embora mencionados apenas pelos seus primeiros nomes, desempenharam papéis significativos na vida da Casa da Ponte. A sutileza e a intimidade desse gesto, de mencionar apenas os primeiros nomes, adicionam uma camada de familiaridade e afetividade à narrativa. Maria, com seu sorriso tímido e habilidades manuais, e Chico Papo, o personagem misterioso e peculiar que desempenhava seu papel com um toque de encanto, ganham vida nas palavras de Ana Maria. Esses personagens, mesmo que brevemente apresentados, tornam-se parte integrante da rica tapeçaria de memórias que compõem a história da Casa da Ponte.



A abordagem afetuosa ao mencionar esses personagens reflete não apenas a importância deles na comunidade, mas também a maneira como suas presenças ressoam na memória afetiva da narradora. Essa escolha, de destacar os primeiros nomes realça, a proximidade e a cumplicidade entre esses indivíduos e a própria narradora, contribuindo para a atmosfera acolhedora e pessoal do relato.

A Casa da Ponte também trabalha o imaginário popular, com algumas histórias de assombração. Diz a lenda que ainda hoje as noites silenciosas na Casa da Ponte são palco de histórias fascinantes e arrepiantes. O próprio espaço, com seus corredores e salões, parece ganhar vida com narrativas que misturam realidade e fantasia.

Essas histórias de assombração acrescentam uma dimensão misteriosa à Casa da Ponte, transformando-a em um lugar onde o imaginário popular se entrelaça com a realidade tangível. São relatos que passam de geração em geração, transmitidas como parte integrante do folclore local.

Ao mergulharmos nessas narrativas, somos convidados a explorar não apenas os corredores físicos da casa, mas também os corredores da imaginação, onde o sobrenatural se entrelaça com a história concreta. Essas histórias de assombração não apenas acrescentam um elemento intrigante à Casa

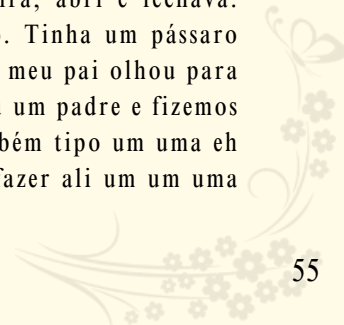
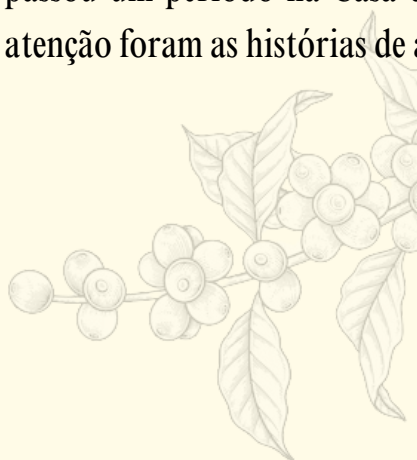


da Ponte, mas também destacam como a riqueza cultural da comunidade transcende os limites do que é estritamente factual.

A presença dessas lendas e mitos ressalta a polifonia de vozes que contribuem para a construção da identidade da Casa da Ponte. Elas ilustram como a memória coletiva é tecida não apenas a partir de eventos documentados, mas também das narrativas que ganham vida nas histórias compartilhadas ao redor de uma fogueira ou à luz suave das lanternas em uma noite estrelada. Essas histórias, carregadas de mistério e fascinação, continuam a ecoar pelos corredores da Casa da Ponte, adicionando uma camada extraordinária à sua já rica herança cultural.

Em meados da década de 1980, Luís Antônio, em sua juventude, juntamente com os seus pais, passou um período na Casa da Ponte. Em um dos momentos da sua entrevista o que chamou a atenção foram as histórias de assombração envolvendo a entrada da sua família no imóvel.

Sim, eh no começo quando a gente passou a morar lá escutava andar dentro da casa. Eu já escutei muito andado. Eu escutava a geladeira, abri e fechava. Quando a gente é jovem a gente criava muito passarinho. Tinha um pássaro preto que ele ficava alvoroçado dentro da gaiola. Então o meu pai olhou para o lado de espiritismo onde foi fazer uma oração né? Legou um padre e fizemos uma novena dentro da casa e levou pelo lado espírito também tipo um uma eh comé que fala gente? Quando você junta os espíritos pra fazer ali um um uma reza eh pra ter contato né? E nesse meio tempo meu pai





teve o contato meu pai ser uma pessoa muito católico, muito apegado com a Nossa Senhora Aparecida e meu pai fazia muita oração pela alma. Eu seu Ernesto. E seu Ernesto veio, né? Eh e comunicação falou que ali naquela casa só morava o meu pai. Mas ninguém ia morar. Tanto é que vocês depois que nós morou lá nunca mais as pessoas conseguiu morar. Eh isso não é lenda, isso não é história, isso é uma coisa verídica que eu estou falando. E e que o senhor Ernesto Magalhães falou o seguinte, aqui João além de mim tem mais doze aqui comigo, doze de agosto comigo. Então você pode sair, deixar a porta aberta e a casa é sua pra morar e pra você viver com a sua família. Ninguém mais dão autorização de conviver nessa casa (Trecho da Entrevista de Luís Antônio).

As experiências vividas na casa transcendem o plano físico, envolvendo elementos espirituais que se entrelaçam com a história e a memória do lugar. A presença de Ernesto Magalhães, mesmo após sua partida, sugere uma continuidade espiritual na casa, estabelecendo uma ligação única entre o passado e o presente. Essas narrativas revelam camadas mais profundas da Casa da Ponte, onde o sobrenatural e o cotidiano coexistem, contribuindo para a riqueza das histórias compartilhadas ao redor desse icônico patrimônio cultural.

Compreender as diversas memórias que cercam a Casa da Ponte é fundamental para enriquecer o conhecimento da comunidade local e preservar a história desse local significativo. Ao coletar e



compartilhar as memórias daquelesque vivenciaram e testemunharam as diferentes fases da casa, contribuímos para a preservação do patrimônio cultural e para a compreensão da identidade da comunidade.

Essas memórias podem oferecer informações valiosas sobre a evolução da casa ao longo do tempo, os eventos que marcaram sua história e as histórias pessoais das pessoas envolvidas. Ao documentar e preservar essas memórias, ajudamos a construir uma narrativa abrangente que destaca a importância cultural e social da Casa da Ponte.





UNIDADE 2: Educação Patrimonial na Prática: O Guia Afetivo e suas Estratégias Para Conectar os Alunos à Memória da Casa da Ponte.

Ainda sobre a História de Itauçu, vamos para mais um momento de interação... Para você, leitor do Guia Afetivo, o foco foi a Casa da Ponte, um lugar que vai além de uma construção, é a representação de um patrimônio vivo, com o seu afeto. Um dos meios, de compreensão em torno do processo de realização no que se pode referir essa afetividade. É a fotografia, despertando as melhores lembranças, de instantes vividos. Vamos para o Desafio!

Momento de Interação: Fotografe e Compartilhe o Patrimônio de Itauçu

Descrição da atividade: Explore e registre o rico patrimônio cultural de Itauçu por meio da fotografia! Escolha um local, monumento ou evento que represente o patrimônio histórico e cultural da cidade e tire uma foto. Depois, compartilhe sua foto nas redes sociais com a hashtag #PatrimônioDeltauçu e uma breve descrição do que o local significa para você.



Instruções:

1- Escolha um local significativo em Itauçu que represente o patrimônio cultural da cidade. Pode ser um edifício histórico, uma praça, uma estátua, um evento tradicional, entre outros.

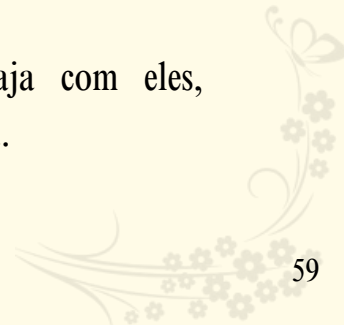
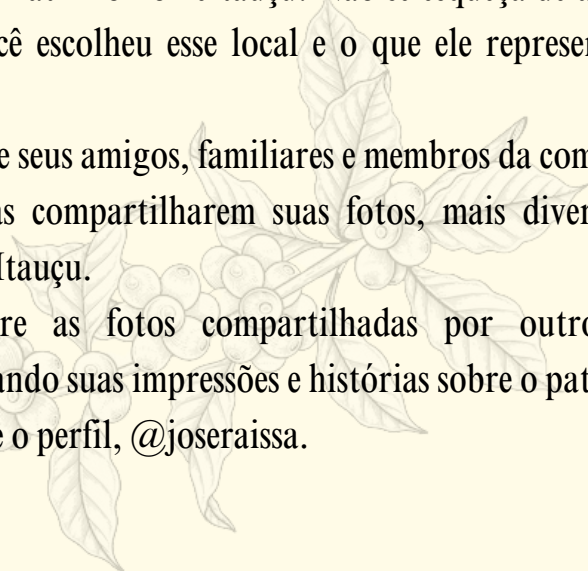
2- Utilize sua câmera fotográfica ou smartphone para capturar uma imagem que destaque os detalhes e a beleza do local escolhido. Experimente diferentes ângulos e composições para criar uma foto interessante e única.

3- Após tirar a foto, compartilhe-a nas redes sociais (como Facebook, Instagram,) utilizando a hashtag #PatrimônioDeItauçu. Não se esqueça de adicionar uma breve descrição explicando por que você escolheu esse local e o que ele representa para você em termos de patrimônio cultural.

4- Convide seus amigos, familiares e membros da comunidade a participarem também! Quanto mais pessoas compartilharem suas fotos, mais diversificado será o registro do patrimônio cultural de Itauçu.

5- Explore as fotos compartilhadas por outros participantes e interaja com eles, compartilhando suas impressões e histórias sobre o patrimônio cultural de Itauçu.

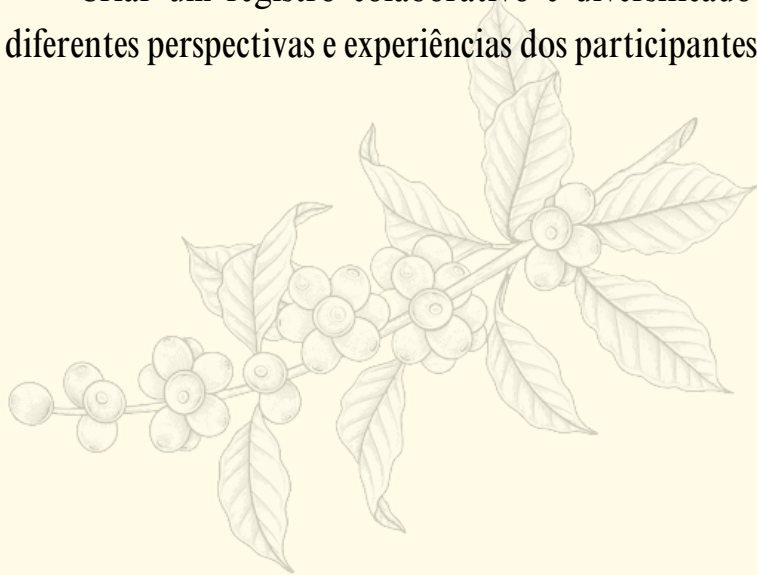
6- Marque o perfil, @joseraissa.





Objetivo:

- Promover a apreciação e a preservação do patrimônio cultural de Itauçu por meio da fotografia e das redes sociais;
- Estimular a participação ativa da comunidade na valorização e divulgação do patrimônio histórico e cultural local;
- Criar um registro colaborativo e diversificado do patrimônio de Itauçu, refletindo as diferentes perspectivas e experiências dos participantes.





Capítulo 5 - Despertando conexões com a educação

Este capítulo busca estabelecer uma conexão entre o Guia Afetivo da Casa da Ponte e os educadores da Escola Municipal Visão do Futuro - Professora Iracema Netto José. A intenção é explorar maneiras práticas e criativas de integrar o patrimônio cultural da Casa da Ponte ao currículo escolar, enriquecendo o processo educativo.

A Casa da Ponte, situada em Itauçu (GO), representa uma referência cultural (Fonseca, 2001) intrínseca à história da comunidade itauçuense. Ao longo do tempo esta casa desempenhou diversos papéis, evoluindo de escola e residência para o seu papel atual, essencial na valorização da memória local.

Fonseca (2001) destaca que as referências culturais implicam no reconhecimento da diversidade, da pluralidade e conflitos de valores presentes na cultura brasileira. Ao alinhar o espaço da Casa da Ponte como referência cultural com a educação percebe-se sua contribuição ao processo de construção da identidade local e valorização da memória.



Relacionar a referência cultural, Casa da Ponte – Itauçu (GO), com os princípios da educação, conforme abordado por Tolentino (2022), implica em promover o desenvolvimento humano no processo de ensino-aprendizagem. Neste contexto, a educação deve considerar a diversidade cultural e as particularidades dos sujeitos envolvidos, visando uma formação mais ampla e crítica.

A valorização de espaços não formais de educação torna-se vital no processo de construção da aprendizagem, facilitando a troca de experiências entre diferentes gerações. Essa interação, quando integrada aos contextos escolares, enriquece o processo educacional.

A escola, frequentemente limitada à reprodução de conteúdo, pode transcender esse papel, como defende Tolentino (2022). Sua pesquisa destaca a necessidade de transformar a escola em um ambiente propício para o desenvolvimento crítico e participativo dos alunos no processo educacional.

A educação patrimonial desempenha um papel fundamental na escola, permitindo, aos alunos, compreender e valorizar a diversidade cultural e as memórias de diferentes grupos sociais (Tolentino, 2022). Integrar essa abordagem à cidade e à comunidade exige projetos educativos participativos, considerando a diversidade cultural e promovendo o diálogo e a reflexão crítica sobre as relações de poder.



Tolentino (2022) destaca ainda que a educação patrimonial pode ser integrada a outras áreas do conhecimento, como cultura, turismo, meio ambiente, saúde e desenvolvimento urbano, por meio de ações intersetoriais que promovam a preservação e valorização do patrimônio cultural.

Os ensinamentos de Paulo Freire oferecem uma base teórica e prática valiosa para a abordagem da educação patrimonial. Princípios como diálogo e participação, conscientização crítica, promoção da cidadania e integração com a realidade vivida pelos alunos podem ser aplicados de maneira significativa nesse contexto (Tolentino, 2022).

Em conclusão, a integração do patrimônio cultural da Casa da Ponte ao contexto educacional, destacando a relevância da educação patrimonial na escola e na comunidade, fortalecendo os laços entre passado e presente e enriquecendo o processo de aprendizagem. A combinação dessas abordagens, aliada aos ensinamentos de Paulo Freire, proporciona uma perspectiva ampla e enriquecedora para o processo educativo, promovendo não apenas a transmissão de conhecimento, mas também o desenvolvimento crítico e participativo dos alunos.

No próximo capítulo aprofundamos nas metodologias da educação patrimonial oferecendo informações valiosas para as professoras e professores que buscam enriquecer a experiência educacional na Casa da Ponte. Exploramos abordagens práticas e criativas que podem ser



implementadas em espaços não formais de educação, considerando a singularidade desse contexto, que é a Casa da Ponte em Itauçu (GO).

As metodologias propostas visam não apenas transmitir conhecimento, mas também promover uma imersão ativa dos alunos na preservação e valorização do patrimônio cultural local. Com ênfase na participação ativa, diálogo e conexão com a comunidade, o capítulo apresenta ferramentas valiosas para professores e professoras envolverem os alunos de maneira significativa, transformando a Casa da Ponte em um ambiente educativo dinâmico e inspirador.





Capítulo 6 - Estratégias para a educação patrimonial: transformando a Casa da Ponte em espaço vibrante de aprendizagem

Neste capítulo apresentamos estratégias eficazes para a educação patrimonial focalizando na transformação da Casa da Ponte em um espaço vibrante de aprendizagem. Este capítulo se baseia na compreensão da importância da preservação do patrimônio cultural e na necessidade de envolver ativamente a comunidade no processo educativo.

Pensar a educação patrimonial é adentrar em um campo multidisciplinar que transcende a mera transmissão de informações históricas, propondo uma abordagem ativa e participativa na preservação e valorização do patrimônio cultural. Essa reflexão envolve considerar o patrimônio não apenas como um conjunto de bens materiais, mas como um elemento vivo que se entrelaça com a identidade e a memória de uma comunidade.

No âmago da educação patrimonial está a compreensão da importância do patrimônio como



testemunho do passado, capaz de conectar gerações e preservar a identidade de uma comunidade. Pensar na educação neste contexto é reconhecer que o patrimônio não é estático, mas sim uma narrativa em constante evolução que demanda interpretação e diálogo.

A educação patrimonial eficaz requer uma abordagem participativa, envolvendo ativamente a comunidade no processo de preservação. Isso implica não apenas transmitir conhecimento, mas também incentivar a participação ativa, estimulando a comunidade a se apropriar do seu próprio patrimônio.

Ao pensar na educação patrimonial é crucial equilibrar a preservação das tradições com a incorporação de abordagens inovadoras. Isso inclui a utilização de tecnologias, métodos de ensino dinâmicos e estratégias que tornem o aprendizado sobre o patrimônio envolvente e relevante para as gerações contemporâneas.

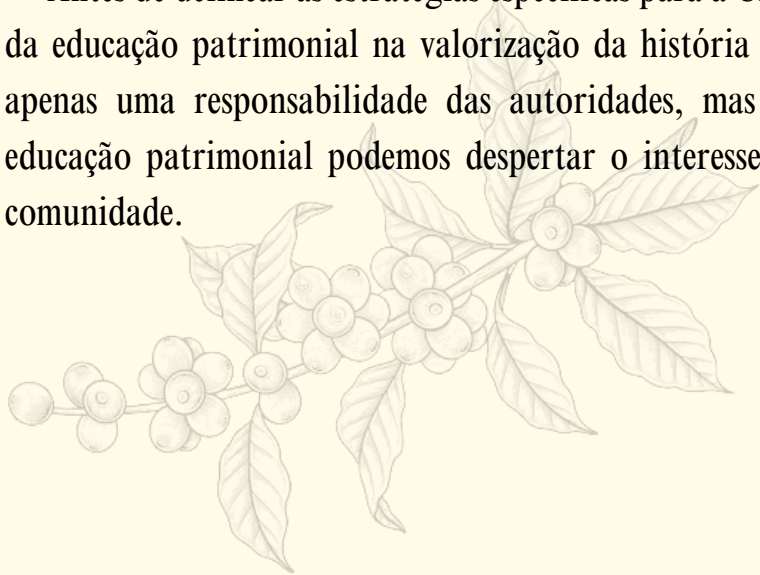
Refletir sobre a educação patrimonial também implica considerar os desafios enfrentados, como a necessidade de superar a apatia em relação ao patrimônio e integrar a diversidade de perspectivas na preservação. Ao mesmo tempo, abre-se a oportunidade de fortalecer laços comunitários, promover o orgulho local e contribuir para o desenvolvimento sustentável. Pensar na educação patrimonial é reconhecer seu papel na construção da identidade coletiva.



Através do entendimento e valorização do patrimônio as comunidades podem fortalecer seus laços culturais, promover o respeito à diversidade e contribuir para uma narrativa coletiva mais rica e inclusiva.

Em síntese, pensar a educação patrimonial é ir além do simples ato de transmitir conhecimento histórico; é envolver-se ativamente na preservação de narrativas, costumes e lugares que dão forma à identidade de uma comunidade, promovendo um diálogo contínuo entre passado, presente e futuro.

Antes de delinear as estratégias específicas para a Casa da Ponte, é crucial compreender o papel da educação patrimonial na valorização da história local. A preservação do patrimônio não é apenas uma responsabilidade das autoridades, mas um compromisso coletivo. Por meio da educação patrimonial podemos despertar o interesse, o respeito e o senso de pertencimento à comunidade.





6.1 Fortalecendo os pilares da Casa da Ponte: estratégias para preservação e valorização do ensino / aprendizagem

No contexto da Casa da Ponte propomos estratégias que transcendem a mera transmissão de informações históricas. Buscamos transformar esse espaço em um ambiente de aprendizagem dinâmico, interativo e relevante para todas as faixas etárias.

Entre as estratégias propostas estão:

a) Visitas guiadas interativas: Desenvolver visitas guiadas que vão além da exposição de fatos históricos, incorporando elementos interativos para envolver os visitantes e estimular a aprendizagem participativa;

b) Programas educativos para escolas: Criar programas educativos específicos para escolas locais, alinhados com o currículo, de modo a integrar a história da Casa da Ponte nas experiências de aprendizagem dos alunos;



c) Oficinas de preservação: Realizar oficinas práticas que demonstrem as práticas de preservação, envolvendo a comunidade em atividades de conservação e restauração;

Eventos culturais e artísticos: Organizar eventos culturais e artísticos nas dependências da Casa da Ponte, promovendo a expressão cultural local e estabelecendo a conexão entre o passado e o presente;

d) Jogos pedagógicos: Os jogos pedagógicos desempenham um papel significativo na promoção da educação patrimonial, pois oferecem uma abordagem lúdica e participativa para transmitir conhecimentos sobre o patrimônio cultural. A relação entre jogos pedagógicos e educação patrimonial pode ser explorada em diversos aspectos, destacando como essa metodologia contribui para o engajamento dos alunos e para a preservação da memória e identidade cultural. Uma ferramenta que pode ser utilizada para preparar o aluno em sala de aula.

A seguir apresentamos algumas sugestões de jogos pedagógicos.

Jogo de Tabuleiro do Patrimônio Cultural:

Objetivo: Promover a aprendizagem sobre monumentos, eventos históricos e tradições culturais.

Instruções: Os jogadores avançam em um tabuleiro respondendo a perguntas sobre o patrimônio.

Pode incluir desafios ou tarefas relacionadas a locais específicos.



Para o desenvolvimento dessa atividade é necessário seguir alguns passos:

1. Definição do tabuleiro:

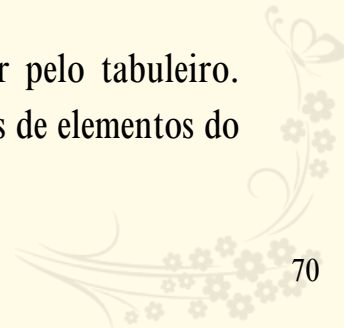
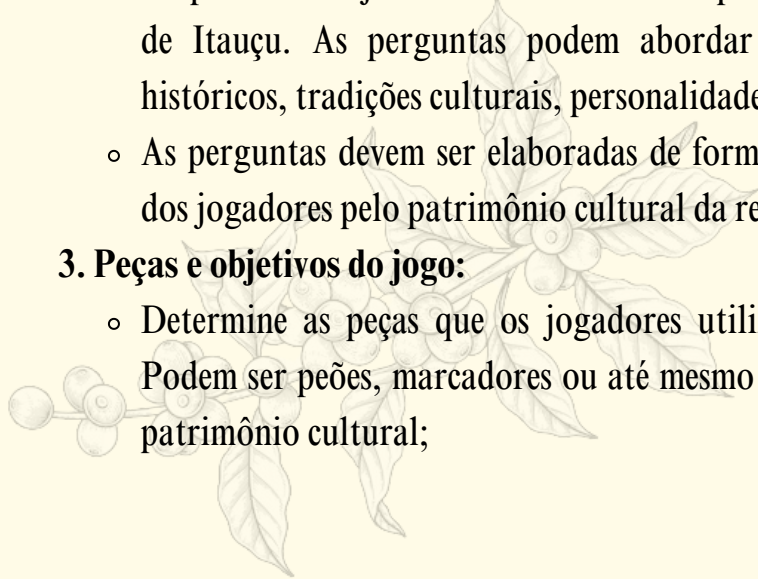
- Crie um tabuleiro com casas numeradas ou com imagens representativas de locais históricos, monumentos ou eventos culturais relevantes para a região de Itauçu;
- Divida o tabuleiro em seções temáticas, como "Monumentos Históricos", "Eventos Culturais", "Personalidades Locais", entre outros.

2. Cartas de perguntas:

- Prepare um conjunto de cartas contendo perguntas relacionadas ao patrimônio cultural de Itauçu. As perguntas podem abordar informações sobre monumentos, eventos históricos, tradições culturais, personalidades locais, entre outros;
- As perguntas devem ser elaboradas de forma a promover a aprendizagem e o interesse dos jogadores pelo patrimônio cultural da região.

3. Peças e objetivos do jogo:

- Determine as peças que os jogadores utilizarão para se movimentar pelo tabuleiro. Podem ser peões, marcadores ou até mesmo miniaturas representativas de elementos do patrimônio cultural;





- Estabeleça o objetivo do jogo, que pode ser alcançar a última casa do tabuleiro, responder corretamente a um número específico de perguntas ou cumprir determinadas tarefas relacionadas ao patrimônio.

4. Regras do jogo:

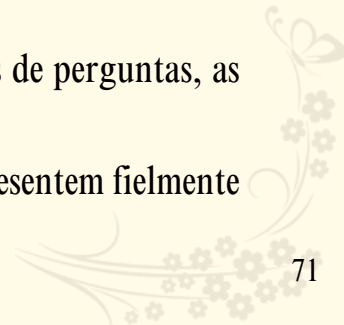
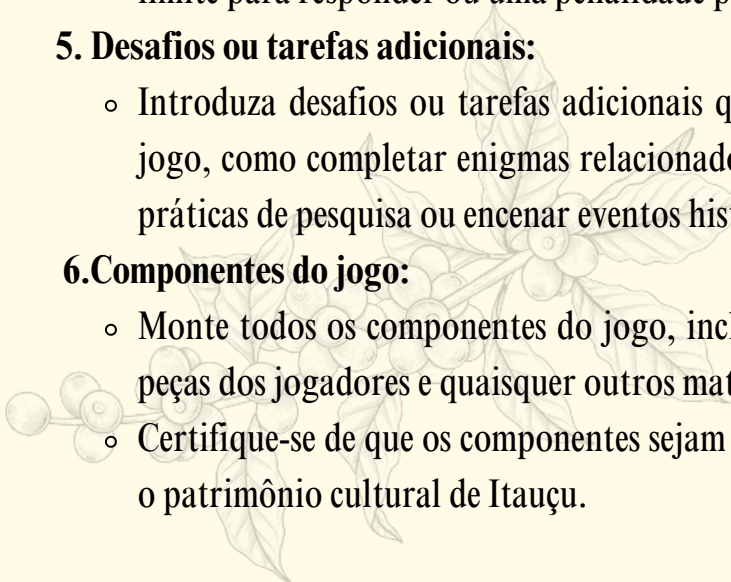
- Defina as regras para avançar no tabuleiro, como jogar um dado ou girar uma roleta para determinar o número de casas a serem avançadas;
- Estabeleça as condições para responder às perguntas corretamente, como um tempo limite para responder ou uma penalidade por respostas incorretas.

5. Desafios ou tarefas adicionais:

- Introduza desafios ou tarefas adicionais que os jogadores devem cumprir ao longo do jogo, como completar enigmas relacionados ao patrimônio cultural, realizar atividades práticas de pesquisa ou encenar eventos históricos.

6. Componentes do jogo:

- Monte todos os componentes do jogo, incluindo o tabuleiro, as cartas de perguntas, as peças dos jogadores e quaisquer outros materiais necessários;
- Certifique-se de que os componentes sejam visualmente atrativos e representem fielmente o patrimônio cultural de Itauçu.





Caça ao Tesouro Patrimonial:

Objetivo: Explorar fisicamente um local patrimonial enquanto aprende sobre sua história.

Instruções: Os participantes seguem pistas que levam a diferentes pontos do local, onde encontram informações e resolvem enigmas.

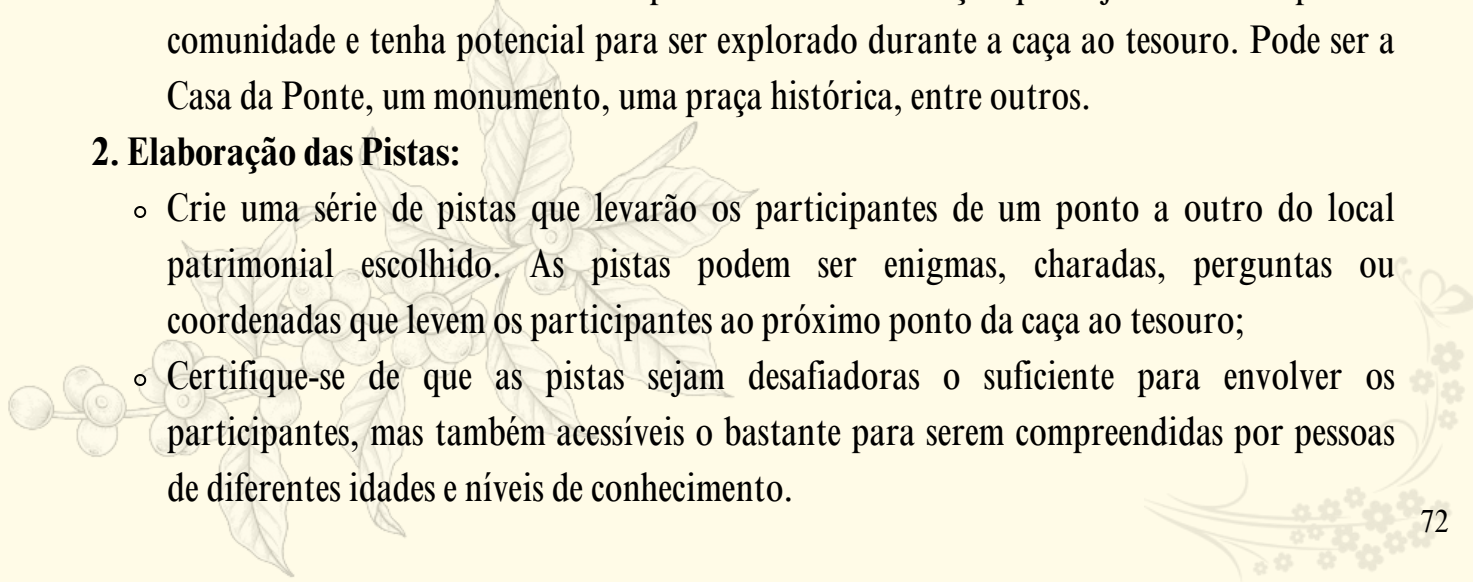
Para desenvolver a atividade de Caça ao Tesouro Patrimonial em Itauçu siga estas etapas:

1. Seleção do local patrimonial:

- Escolha um local histórico ou patrimonial em Itauçu que seja relevante para a comunidade e tenha potencial para ser explorado durante a caça ao tesouro. Pode ser a Casa da Ponte, um monumento, uma praça histórica, entre outros.

2. Elaboração das Pistas:

- Crie uma série de pistas que levarão os participantes de um ponto a outro do local patrimonial escolhido. As pistas podem ser enigmas, charadas, perguntas ou coordenadas que levem os participantes ao próximo ponto da caça ao tesouro;
- Certifique-se de que as pistas sejam desafiadoras o suficiente para envolver os participantes, mas também acessíveis o bastante para serem compreendidas por pessoas de diferentes idades e níveis de conhecimento.





3. Preparação dos enigmas e informações:

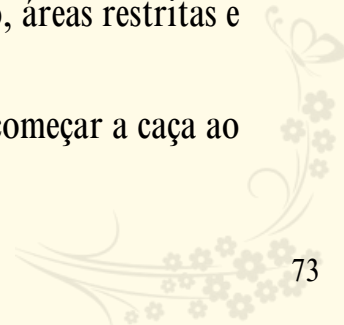
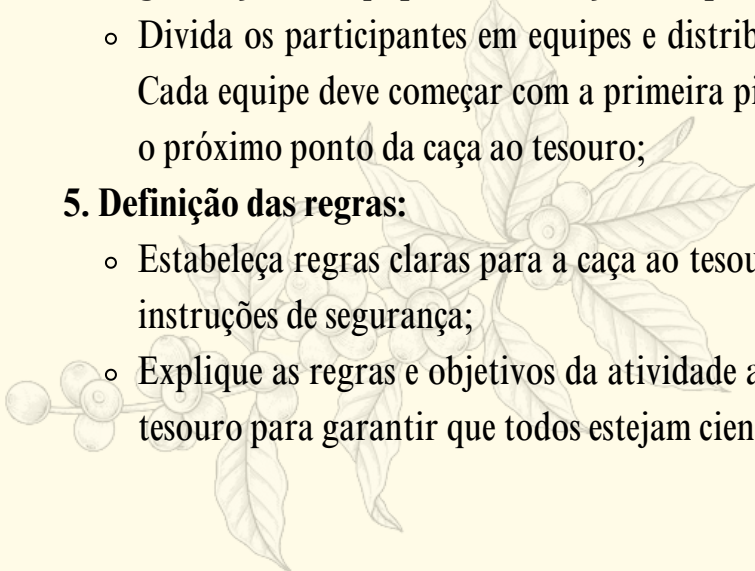
- Em cada ponto da caça ao tesouro disponha informações sobre a história e importância do local patrimonial. Isso pode ser feito por meio de placas informativas, folhetos impressos ou mesmo por meio de conteúdo digital acessível por dispositivos móveis, como QR codes.
- Integre os enigmas e informações de forma a proporcionar uma experiência educativa e divertida, incentivando os participantes a aprender enquanto exploram o local.

4. Organização da equipe e distribuição das pistas:

- Divida os participantes em equipes e distribua as pistas de forma equitativa entre elas. Cada equipe deve começar com a primeira pista e seguir as instruções para avançar para o próximo ponto da caça ao tesouro;

5. Definição das regras:

- Estabeleça regras claras para a caça ao tesouro, como limites de tempo, áreas restritas e instruções de segurança;
- Explique as regras e objetivos da atividade aos participantes antes de começar a caça ao tesouro para garantir que todos estejam cientes e preparados.





6. Avaliação e encerramento:

- Ao final da caça ao tesouro reúna os participantes no ponto de encontro final e promova uma discussão sobre as descobertas feitas durante a atividade;
- Faça uma avaliação do desempenho das equipes e conceda prêmios ou reconhecimentos aos participantes, como certificados de participação ou pequenas lembranças relacionadas ao patrimônio de Itauçu.

Ao seguir essas etapas e adaptar a caça ao tesouro às características e particularidades do patrimônio cultural de Itauçu você poderá proporcionar uma experiência educativa envolvente e memorável para os participantes, incentivando o aprendizado e a valorização do patrimônio local.

Simulação Histórica:

Objetivo: Vivenciar eventos históricos relevantes para o patrimônio local.

Instruções: Os alunos assumem papéis de personagens históricos e participam de uma simulação que recria eventos específicos, promovendo a compreensão das circunstâncias da época.

Para desenvolver uma Simulação Histórica em Itauçu, siga estas etapas:



1. Seleção do evento histórico:

- Escolha um evento histórico relevante para o patrimônio local de Itauçu. Pode ser um acontecimento específico, uma data importante na história da região ou um personagem histórico significativo;
- Certifique-se de selecionar um evento que possa ser compreendido e recriado pelos participantes, levando em consideração a sua importância histórica e a sua capacidade de promover a compreensão das circunstâncias da época.

2. Pesquisa e preparação:

- Realize uma pesquisa detalhada sobre o evento histórico escolhido, incluindo informações sobre o contexto histórico, os personagens envolvidos, as causas e consequências do evento, entre outros aspectos relevantes;
- Com base na pesquisa, elabore um roteiro ou script que guie a simulação, incluindo os papéis dos personagens históricos, as situações a serem recriadas e os diálogos a serem interpretados pelos participantes.

3. Design dos personagens:

- Atribua a cada participante um papel de personagem histórico relacionado ao evento escolhido. Os personagens podem incluir figuras políticas, líderes comunitários,



membros da sociedade civil, entre outros;

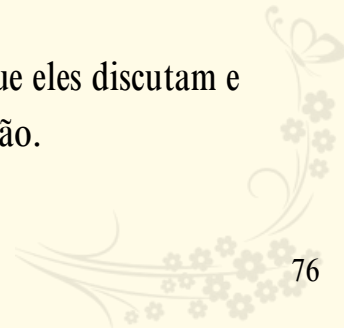
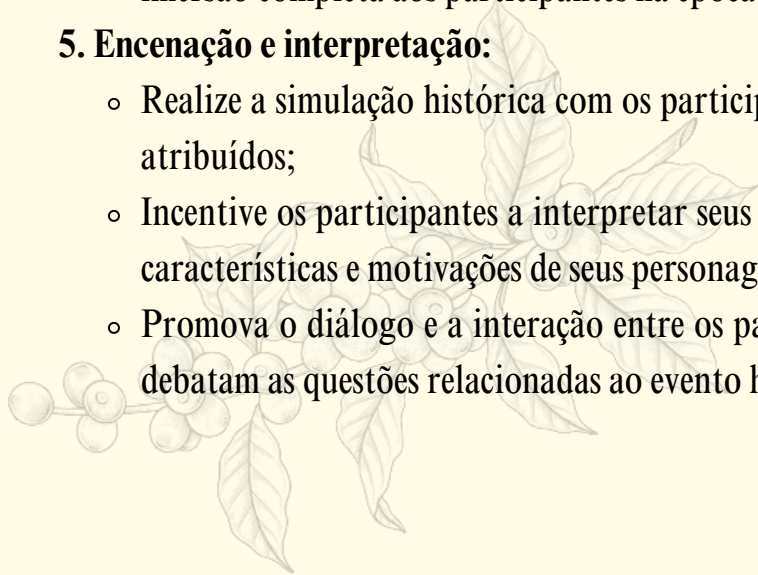
- Desenvolva características e motivações para cada personagem, levando em consideração suas personalidades, crenças e objetivos históricos.

4. Preparação do cenário:

- Crie um ambiente físico ou virtual que represente o contexto histórico do evento, utilizando adereços, figurinos, cenários e acessórios apropriados;
- Procure recriar fielmente os detalhes do período histórico, proporcionando uma imersão completa aos participantes na época em que o evento ocorreu.

5. Encenação e interpretação:

- Realize a simulação histórica com os participantes assumindo os papéis dos personagens atribuídos;
- Incentive os participantes a interpretar seus papéis de forma autêntica, incorporando as características e motivações de seus personagens históricos;
- Promova o diálogo e a interação entre os participantes, permitindo que eles discutam e debatam as questões relacionadas ao evento histórico durante a simulação.





6. Discussão e reflexão:

- Após a simulação, promova uma discussão sobre as experiências vivenciadas pelos participantes e as lições aprendidas durante a atividade;

Incentive os participantes a refletir sobre as semelhanças e diferenças entre o passado e o presente, bem como sobre a relevância do evento histórico para a compreensão da história e identidade de Itauçu.

Ao seguir essas etapas e adaptar a simulação histórica às características e particularidades do patrimônio cultural de Itauçu você poderá proporcionar uma experiência educativa enriquecedora e significativa para os participantes, promovendo uma compreensão mais profunda da história local e do seu impacto na sociedade atual.

Jogo de Memória Cultural:

Objetivo: Reforçar o conhecimento sobre elementos do patrimônio cultural.

Instruções: Os participantes jogam um jogo de memória onde precisam combinar pares de cartas que representam diferentes aspectos do patrimônio, como imagens de locais históricos, tradições e personagens.



Quiz Interativo Patrimonial

Objetivo: Testar conhecimentos sobre o patrimônio cultural de forma competitiva.

Instruções: Os alunos participam de um quiz com perguntas sobre a história, arquitetura, tradições e outros aspectos do patrimônio local.

Construção de Maquetes:

Objetivo: Entender a arquitetura e a disposição de locais históricos.

Instruções: Os alunos constroem maquetes de locais patrimoniais, o que não apenas ensina sobre a estrutura, mas também promove habilidades práticas.

Dramatização Histórica:

Objetivo: Representar eventos históricos de maneira teatral.

Instruções: Os alunos escolhem ou são designados para representar personagens históricos e encenam eventos importantes, estimulando a compreensão emocional e contextual.

Estes jogos são apenas alguns exemplos de como o lúdico e a educação patrimonial podem ser adaptados conforme a idade dos alunos, o contexto local e os objetivos específicos da educação patrimonial. A ideia é criar experiências educativas que sejam, ao mesmo tempo, informativas e divertidas.



Considerações Finais

A implementação dessas estratégias visa não apenas aumentar o conhecimento histórico, mas também fortalecer os laços emocionais da comunidade com a Casa da Ponte. Espera-se que a comunidade, ao se envolver ativamente com este espaço de memória, assuma um papel ativo na preservação e promoção deste importante patrimônio.

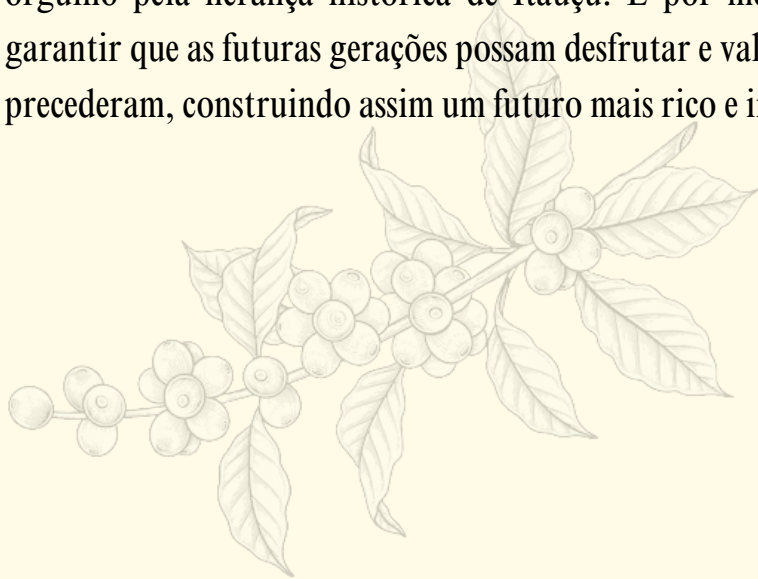
Ao final deste capítulo, fica evidente que a transformação da Casa da Ponte em um espaço de aprendizagem é não apenas uma possibilidade, mas uma necessidade urgente para a preservação e valorização do patrimônio cultural de Itauçu. Por meio da educação patrimonial podemos não só transmitir conhecimento histórico, mas também promover um profundo senso de identidade e pertencimento à comunidade.

Ao explorar estratégias educativas inovadoras, como visitas guiadas interativas, programas educativos para escolas, oficinas de preservação e eventos culturais, podemos envolver ativamente a comunidade no processo de preservação e promoção do patrimônio. Os jogos pedagógicos propostos representam uma forma lúdica e envolvente de conectar as gerações atuais com a história local, despertando o interesse e o engajamento de alunos e educadores.



O "Guia Afetivo de Educação Patrimonial" emerge como um recurso valioso para capacitar os educadores e proporcionar uma abordagem mais afetiva e significativa da educação patrimonial na Casa da Ponte. Este guia não apenas oferece informações históricas, mas também sugere atividades práticas e estratégias para cultivar um profundo apreço e cuidado pela história e memória coletiva de Itauçu.

Portanto, ao fortalecer os laços emocionais da comunidade com a Casa da Ponte, esperamos não apenas preservar seu patrimônio cultural, mas também cultivar um sentido de responsabilidade e orgulho pela herança histórica de Itauçu. É por meio da educação patrimonial que podemos garantir que as futuras gerações possam desfrutar e valorizar o legado deixado por aqueles que nos precederam, construindo assim um futuro mais rico e inclusivo para nossa comunidade.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e estados: Itauçu. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/itauçu.html>. Acesso em: 24 dez. 2023.

COELHO, José Braga. De Catingueiro Grande a Itauçu: a formação de um espaço urbano. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. Políticas Sociais: Acompanhamento e Análise, Brasília, n. 2, p. 111-120, 2001. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4775?locale=pt_BR. Acesso em: 15 nov. 2023.

ITAUCU. Lei n. 858, de 26 de dezembro de 2013 Lei Municipal nº 858/2013; DETERMINA O TOMBAMENTO, COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE ITAUCU, ESTADO DE GOIÁS, DA ‘CASA DA PONTE’, LOCALIZADA À RUA ERNESTO MAGALHÃES, QD. 02, LT, 03, CENTRO, ITAUCU



JOSÉ, Chafi. Nada é mais como antes. Goiânia: Kelps, 2017.

PRADO, Lucinda. A casa. Itauçu, 27 abr. 2015. Facebook: Vamos Salvar a Casa da Ponte Itauçu/GO. Disponível em: https://www.facebook.com/acasadaponteitauçu/photos/a.368144630042772/368144640042771/?locale=pt_BR. Acesso em: 16 fev. 2024.

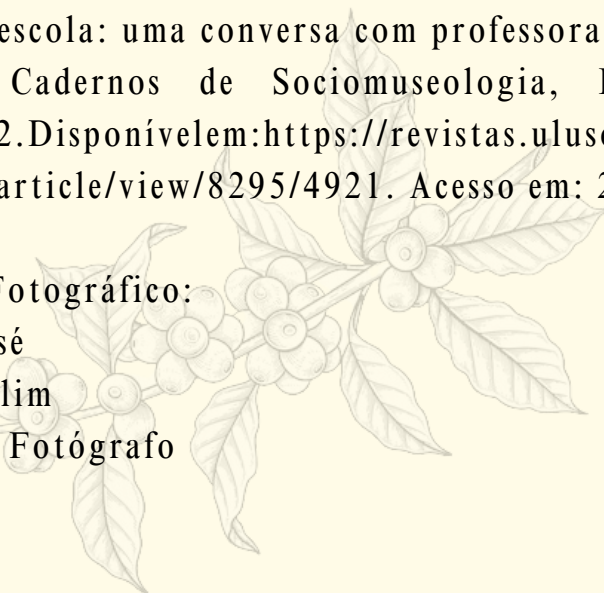
TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação patrimonial na escola, com a escola e para além da escola: uma conversa com professoras e professores em diálogo com Paulo Freire. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, v. 63, n. 19, p. 107-116, 2022. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/8295/4921>. Acesso em: 24 dez. 2023.

Acervo Fotográfico:

Chafi José

Jorge Belim

Toninho Fotógrafo





Fontes orais:

Entrevista com Ana Maria Garcia, realizada em 15 de março de 2023

Entrevista com Luís Alberto, realizada em 28 de maio de 2023

Entrevista com José Maria Gomes, realizada em 15 de março de 2023

